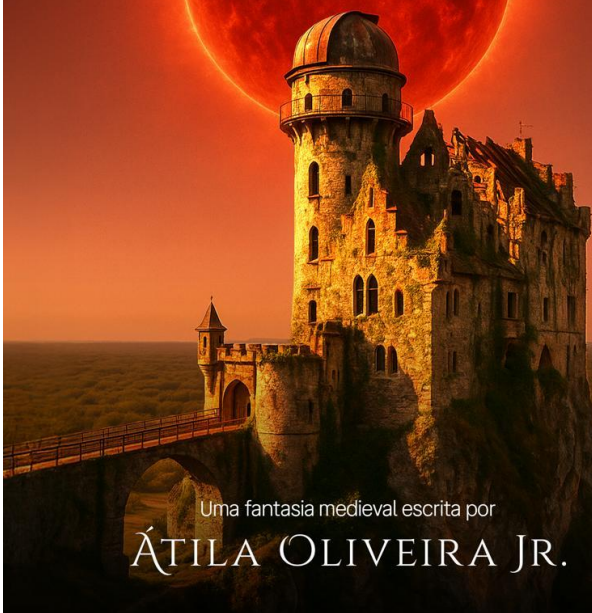


REDSUN



Uma fantasia medieval escrita por

ÁTILA OLIVEIRA JR.

Agradecimentos

Agradeço à minha adorável esposa por sempre me apoiar, me motivar, ser meu porto seguro e me ajudar, a cada dia, a ser uma pessoa melhor.

Dedicatória

À minha filha Aurora, que está por vir.

Reservo a mim a missão de lhe ensinar o poder da persistência.

Foi essa frase que me inspirou, então vou passá-la à frente.

“Não é sobre o quanto você bate, é sobre o quanto você aguenta apanhar e continuar seguindo em frente.”

Rocky Balboa

À minha mãe Neyde, que já se foi.

Sou uma parte viva da mulher que ela foi. E sigo, todos os dias, sendo tão íntegro quanto ela sempre acreditou que eu fosse, mesmo quando eu vacilava.

Prólogo	6
Bem-vindo, a Drakhenheim	10
Academia da Lâmina Flamejante.....	21
Aspirante a Conselheira	31
Fora da Zona de Conforto	38
A Batalha de Atarashiminato.....	51
Entre a Chanceler e o General.....	62
Sob o Sol Vermelho	70
A Esquadra	80
O Observatório	88
Culto ao Sol Negro	96
O ímpeto feroz	108
Apenas uma observação.....	120
A Formatura	128
A Convocação	136

Prólogo

Há muito tempo, os Zeraphirs forjaram portais entre mundos, planetas que orbitavam o mesmo Sol.

Eles não eram apenas viajantes, eram arquitetos. Com artes hoje perdidas, deram origem a outras espécies sapientes, e, por meio das passagens, colonizaram um mundo após o outro, espalhando-se por todo o sistema.

Cada portal rompia a trama da realidade, abrindo caminhos pelo vazio, ligando um mundo a outro.

Durante eras, essas rotas sustentaram civilizações inteiras. Por elas fluíam comércio, alianças e exércitos. Povos cruzavam o firmamento em busca de poder, sabedoria ou domínio.

Então algo aconteceu. O Sol mudou.

Sua luz, antes dourada e plena, tingiu-se de um vermelho discreto, como no entardecer, mas agora eterno.

Muitos tomaram aquilo como um aviso. O Sol poderia estar dando seu último suspiro de vida.

Logo depois os portais ruíram em silêncio, e o fluxo entre os mundos cessou.

O motivo do colapso foi soterrado pelas eras, assim como o nome dos Zeraphirs.

Sem os portais, os outros mundos tornaram-se apenas pontos luminosos no céu, pequenas brasas orbitando o mesmo Sol, não muito mais brilhantes do que estrelas distantes.

Por gerações, acreditou-se que as passagens haviam sido perdidas para sempre.

Até que uma nova força emergiu. Uma força capaz de atravessar o vazio e invadir mundos.

A Ordem do Sol Negro. Assim são chamados, pois sempre abrem seus portais durante o eclipse solar.

Chegam em máquinas que rugem como trovões e brilham como estrelas em fúria.

Suas armas não são mágicas, mas possuem o poder de obliterar exércitos inteiros.

Onde pousam, cidades desaparecem. O solo se incendeia. As águas se tornam amargas.

E quando partem, deixam apenas silêncio e uma aura que corrompe a terra até que nada mais possa nascer.

O Império Aziano foi o último a cair. Suas muralhas, erguidas para isolar o povo do resto do planeta, ruíram sob o poder avassalador da Ordem.

Os poucos sobreviventes refugiaram-se no Protetorado do Fogo Eterno.

É ali que vivem os descendentes dos exilados.

É ali que uma nova geração se prepara para o próximo eclipse.

Entre eles está Luna Yamaneko, órfã da invasão, treinada desde a infância para enfrentar o inevitável.

Pois todos sabem: quando o Sol for devorado outra vez, o mundo de Ardenya voltará a sangrar.

Bem-vindo, a Drakhenheim

Era a primeira vez que Luna deixava Minato, uma vila aziana localizada a noroeste do continente de Eldenland. Agora, estava na capital, Drakhenheim. Havia viajado por vários dias com seu mestre, mas teve apenas uma noite de descanso antes da audiência com a guardiã. Sentava-se em silêncio na ampla sala de espera, observando impressionada o teto alto e as paredes de pedra maciça do castelo fortificado, monumental como uma verdadeira máquina de guerra.

Seus pensamentos foram interrompidos quando Haru pousou a mão sobre seu ombro.

“Luna, você é como uma filha para mim. Tenho orgulho do que se tornou. Mas preciso te lembrar mais uma vez: um grande guerreiro não busca ser o maior, busca ser o certo, no lugar certo.”

A discípula assentiu. “Sim, Shihan¹. Não falharei.”

O grão-mestre ainda a observou por alguns instantes, depois se afastou em silêncio, caminhando até a janela da torre. Parou ali, contemplando a paisagem costeira, onde gaivotas riscavam o céu manchado de raios escarlates.

A porta do escritório principal se abriu.

Um jovem atravessou a soleira em passos apressados, mas parou repentinamente próximo de Luna. Os cabelos azuis, bem aparados, destacavam um rosto de beleza irreal. Ele pousou os olhos azuis como gelo sobre Luna, analisando-a dos pés à cabeça com expressão desdenhosa.

“Você deve ser Luna Yamaneko, correto? Achei que fosse mais alta e atlética.”

¹ Título honorífico usado para designar um grão-mestre em artes marciais.

Sem esperar resposta, virou-se e deixou a sala de espera em direção ao corredor.

A garota permaneceu imóvel, ainda tentando processar o que acabara de acontecer.

Então, da mesma porta, surgiu outra pessoa. Alta, esguia, apoiada em uma bengala devido à idade avançada.

“Senhores, por gentileza, entrem. Vossa Vigilância os aguarda.”

Haru e Luna atravessaram a porta e adentraram a sala. O ambiente possuía móveis de madeira escura, dispostos de forma funcional, tudo ali parecia planejado para eficiência, sem ostentação.

Logo em frente à escrivaninha, encontrava-se uma mulher de cabelos e olhos vermelhos vibrantes como fogo. Ao lado dela, mais um indivíduo com uniforme militar, rosto duro, bigode negro e um tapa-olho.

“É um prazer revê-lo, grão-mestre,” disse o senhor de bengala, abrindo o diálogo. Haru curvou-se levemente e respondeu.

“A honra é minha, general.”

Em seguida, voltou-se para a outra figura.

“Capitão Hensel.” O cumprimento foi breve. Luna percebeu algo estranho entre os dois.

Por fim, Haru curvou-se respeitosamente diante da guardiã.

“Vossa Vigilância, é uma honra estar novamente em sua presença. Conforme o juramento selado há mais de uma década, recebi a escolhida ainda em sua infância, treinei-a com todo rigor e zelo na arte da katana, seguindo o Caminho do Vento Silencioso. Hoje, cumpro meu dever e a devolvo ao seu legítimo lugar sob vossa proteção e autoridade.”

Ele fez um gesto sutil, indicando Luna, que deu um passo à frente.

A jovem também curvou-se em reverência. “Vossa Vigilância, sou Luna Yamaneko, à sua disposição.”

“Sou Voraktrix Nyxhart. Guardiã do Protetorado do Fogo Eterno. Seja bem-vinda à cidade de Drakhenheim.”

“É uma honra.”

Voraktrix ergueu a mão e segurou suavemente o queixo de Luna, inclinando seu rosto para mais perto. Seus olhos vermelhos brilharam com uma luz sobrenatural. O olhar da guardiã penetrou fundo. Luna sentiu-se despida por dentro, seus pensamentos, medos e lembranças foram todos expostos. Voraktrix encontrou determinação, resiliência e um forte senso de fidelidade ao dever, mas também rastros de teimosia e impulsividade.

A Guardiã ergueu uma sobrancelha. “Ainda há um ímpeto feroz nela, grão-mestre. Tem certeza de que ela está pronta?”

Haru inclinou levemente a cabeça. “Sim, Vossa Vigilância. Ela foi formada segundo os costumes da Ázia. O Caminho do Vento Silencioso exige precisão e leveza. A lâmina é afiada, o corpo responde com agilidade, e ela domina o terreno ao redor. Luna concluiu o treinamento com mérito, excede as expectativas em agilidade e técnica, e está pronta para ser testada em campo.

Ainda em brasas, os olhos da mulher buscaram o general, seu braço direito, para um conselho final.

“Se o grão-mestre garante, considero suficiente.”

Voraktrix então deixou um leve sorriso surgir em seus lábios. Então puxou um tecido que cobria a parte superior da escrivania, revelando uma katana por baixo dele. Na lâmina, havia uma inscrição em caracteres azianos antigos: Justiça Prateada.

“Esta katana foi forjada pelas mãos do Mestre da Forja de Drakhenheim,” disse Voraktrix, entregando a arma a Luna.

Os olhos da jovem se arregalaram ao aceitar o presente com ambas as mãos, curvando-se profundamente. “Obrigada, Vossa Vigilância. Este é um presente além de qualquer medida.”

“Luna Yamaneko, da vila Minato, discípula de Haru Yoshitsune, sirva este protetorado como uma extensão da minha justiça.”

Luna, sentindo o peso simbólico daquele momento, inspirou fundo antes de responder em voz clara e resoluta:

“Vossa Vigilância, prometo alcançar a honra de servir na Guarda Dracônica. Quando esse dia chegar, não serei apenas parte da elite, serei a sua **melhor** guarda. Protegerei seu horizonte com minha própria vida.”

Voraktrix inclinou levemente a cabeça, em sinal de aprovação.

“Suas palavras carregam o peso de um juramento verdadeiro, jovem guerreira. Sua promessa é valiosa e não será esquecida. Espero vê-la entre as fileiras da

Guarda Dracônica quando seu treinamento estiver completo.”

“Yamaneko-san². Sou Heinrich von Richter, Comandante-Geral do Exército de Fogo Eterno. A última vez que a vi, era apenas um bebê entregue ao cuidado do seu mestre. Hoje, está diante de nós como peça central em uma estratégia que venho desenvolvendo há muito tempo. Sua atuação influenciará diretamente a reestruturação de nossas forças, e estarei acompanhando seu progresso de perto. Seja bem-vinda, aspirante, às fileiras dos Jurados do Fogo Eterno.”

Apesar da idade, sua voz profunda e semblante austero garantiam-lhe uma presença imponente. Luna já havia lido sobre aquele general lendário. Diziam que suas táticas beiravam a premonição.

“O Capitão Vincent Hensel, será seu instrutor e superior imediato. Ele foi designado para essa função

² Sufixo honorífico, devido ao título de Kazeha

por mérito. Seu histórico de condecorações o qualifica para treinar os aspirantes de elite da Academia de Lâmina Flamejante.”

“Isso já foi decidido, Vossa Vigilância?”

O grão-mestre pareceu desconfortável com a informação.

“Sim.” A resposta do general foi incisiva, sem brechas para argumentações.

Por fim, a guardiã encerrou as apresentações com uma ordem para Vincent.

“Capitão, por favor, leve Luna aos seus aposentos. O grão-mestre Haru permanecerá na cidade baixa. Contudo, para favorecer a adaptação da aspirante, solicito que as visitas sejam restritas aos períodos de recesso concedidos pelo comando.”

Haru virou-se para sua discípula. “Seja como o vento. Flexível, mas fiel ao seu caminho. Nos veremos em breve.”

O coração de Luna apertou. Não era uma despedida definitiva, mas o peso da distância soava igualmente doloroso. Um arrependimento súbito por não ter abraçado o mestre antes a invadiu. Reuniu forças para manter a postura, curvou-se diante dele e aceitou a despedida em silêncio. Depois, baixou a cabeça para esconder os olhos marejados e caminhou em direção à saída.

Para ela, aquela medida soava mais como exílio disfarçado de oportunidade crescimento.

Um silêncio constrangedor entre a jovem e seu instrutor se estendeu até chegarem ao quarto. Luna ficou encantada com a decoração sofisticada, consciente de que poucos aspirantes recebiam tal privilégio.

“Gostou?”, perguntou Vincent, com voz séria.

“Sim, muito!”, respondeu ela, sorrindo com gratidão e tentando esconder o medo que sentia.

“Aproveite. Esse será seu último privilégio como aziana”, disse Vincent, frio “Eu te ensinarei a operar conforme as nossas regras. Vou forjá-la como o ferreiro forja o aço: martelada após martelada, até sustentar a forma. Ou você se dobra, ou você quebra.”

Virou-se sobre os calcanhares e saiu, abandonando Luna em seu quarto na companhia daquela promessa.

Academia da Lâmina Flamejante

Com o nascer do sol, o som estridente de trombetas invadiu o quarto de Luna, despertando-a de um sono profundo. Ainda sonolenta, ouviu uma batida leve à porta. Levantou-se num impulso e abriu, deparando-se com uma jovem alta à sua frente. Os cabelos dourados destacavam seus olhos azuis brilhantes. O uniforme dos aspirantes moldava-se perfeitamente à sua silhueta atlética.

“Bom dia! Você deve ser a Luna, certo? Sou Sabine!” Apresentou-se a jovem com um sorriso radiante. “Trouxe seu uniforme. Pensei que poderia precisar dele.”

“Ah, obrigada, Sabine.”, respondeu Luna, um pouco surpresa pela visita inesperada.

Sabine estendeu-lhe o uniforme cuidadosamente dobrado. “Não se preocupe, os primeiros dias são sempre meio caóticos. Mas é melhor se apressar. O

café da manhã já está sendo servido, e não queremos nos atrasar.”

Luna assentiu. “Certo. Só vou me trocar e já saio.”

“Estarei esperando no corredor”, avisou a colega antes de fechar a porta e sair.

Após vestir o uniforme, que parecia feito sob medida, Luna saiu do quarto.

As duas seguiram pelos corredores já despertados com o movimento dos primeiros habitantes. No refeitório, aspirantes e residentes circulavam entre as mesas, servindo-se enquanto risos e conversas animadas criavam uma atmosfera calorosa e convidativa.

“Venha, vamos nos servir e depois encontrar um lugar para sentar”, disse Sabine, com um sorriso encorajador.

Elas seguiram até a mesa principal, onde pães, queijos e embutidos defumados eram dispostos em travessas de barro. Sabine serviu-se com

naturalidade, enquanto Luna, cautelosa diante dos aromas estrangeiros, optou por frutas e nozes, sabores mais familiares ao seu paladar.

Já acomodadas a uma mesa próxima à janela, Luna perguntou com curiosidade:

“Então... o que teremos hoje?”

Sabine sorriu. “As manhãs são dedicadas às aulas de Arte da Guerra. Estudamos formações, estratégias de cerco e o equilíbrio entre comando e instinto. É o tipo de conhecimento que todo aspirante deve dominar como futuros líderes de suas divisões, sejam arqueiros, cavaleiros ou infantaria.”

“Então todos frequentam as mesmas aulas?”, questionou Luna, franzindo o cenho.

“Nem todos. Apenas meio-zeraphirs e alguns poucos humanos de talento excepcional, como você que têm acesso às aulas do instrutor mais prestigiado da Academia. Meio-zeraphirs quase sempre despertam habilidades mágicas; já humanos assim são raros.

Portanto os menos promissores seguem apenas com o treinamento básico. À tarde, cada aspirante segue sua especialização. Eu, por exemplo, me dedico às artes da diplomacia, negociação, política, relações entre ordens. E também sou uma arqueira de mira afiada”, finalizou a frase com uma piscadela divertida.

Sabine então fez um discreto gesto com o queixo em direção a outra mesa. “Está vendo aquele rapaz enorme, de ombros largos e cabelo raspado? É Kovu. Treina para integrar a Guarda Dracônica.”

Luna seguiu com olhar inquisitivo.

“Na frente dele o Viego”, continuou. “Estuda História Ancestral e Ciência Militar Avançada.”

Antes que Sabine prosseguisse com outros exemplos, Luna apontou discretamente para um rapaz de cabelos azuis.

“Avouriel. Ele estuda Táticas de Comando e Magias Marciais. É um mago de combate talentoso.”

Luna assentiu. Abriu a boca para comentar sobre o breve encontro que tivera com ele no dia anterior, mas o som das trombetas ecoou pelos corredores do castelo, cortando o momento.

“Hora da aula!”, anunciou Sabine levantando-se.

Ambas seguiram pelos corredores do castelo, misturando-se ao fluxo de aspirantes. Luna percebeu algo incomum: muitos dos estudantes exibiam traços ancestrais, como orelhas felinas, chifres e caudas. Eram características raras de se ver, mas ali pareciam quase normais.

Assim que o instrutor chegou, todos se posicionaram de imediato para prestar continência. Surpresa, a aziana apressou-se a imitá-los.

Com um gesto breve, Vincent indicou Luna, sem sequer lhe dirigir o olhar.

“Esta é Luna Yamaneko, oriunda da vila de Minato, uma das colônias formadas após a queda da última

dinastia aziana. Está aqui para aprender e, quem sabe, encontrar alguma utilidade.”

Sua entonação era fria, quase desdenhosa, como se estivesse apenas cumprindo uma formalidade. A menção à “última dinastia” soou como descrença na recuperação aziana.

A breve pausa após a apresentação bastou para que Sabine avançasse um passo. Seu sorriso caloroso contrastava com a rigidez de Vincent.

“Senhor, com licença, se me permite dizer algumas palavras”, começou Sabine, lançando um olhar gentil à turma. “Luna carrega o título de kazeha, concedido àqueles que trilham o Caminho do Vento Silencioso, um estilo que exige precisão, velocidade e domínio absoluto da lâmina. É uma escola que também incorpora técnicas de mobilidade e furtividade. Seu mestre? Ninguém menos que o próprio grão-mestre Haru Yoshitsune, uma lenda viva. Alcançar esse título requer anos de disciplina e excelência. Tenho certeza

de que, neste último ano de formação, todos nós teremos muito a aprender com ela, tanto quanto ela conosco.”

Sabine virou-se para a turma, o tom confiante dissipando parte da tensão no ar. “Vamos dar as boas-vindas a Luna e mostrar que aqui somos mais do que colegas, somos uma equipe.”

Um murmúrio de aprovação percorreu a sala, e alguns sorrisos surgiram entre os aspirantes. Luna sentiu um calor reconfortante crescer em seu peito, aliviando parte da apreensão que a dominava.

No entanto, o olhar gélido de Vincent permaneceu fixo nela por um instante antes de ele se virar e retomar o controle da aula.

Os dias se passaram, e Luna começou a se adaptar à rotina na Academia da Lâmina Flamejante. Participou de aulas teóricas, exercícios em grupo e treinamentos

práticos, sempre sob duras críticas do capitão Vincent.

Em uma manhã de céu claro, a turma foi levada ao pátio de treinamento para uma aula sobre formações de combate.

“Hoje vamos praticar a formação de tartaruga,” anunciou Vincent. “Essa formação permite que o batalhão se mova como uma única entidade protegida, impenetrável contra o ataque inimigo.”

“Luna, à frente”, anunciou o instrutor.

Ela se aproximou, receosa, para receber o escudo. A estrutura parecia ainda maior diante dela; mesmo com a base tocando o chão, Luna precisaria ficar na ponta dos pés para enxergar por cima. Ao segurá-lo, percebeu que ele era mais denso do que qualquer arma que já havia empunhado.

Ele começou a discursar sobre a importância da coordenação entre os soldados. O tempo passava, e o escudo cobrava seu preço.

“É crucial que cada soldado mantenha o escudo firme. Uma falha pode comprometer toda a unidade”, disse Vincent. Quando, por fim, o braço de Luna cedeu, e o escudo baixou novamente tocando o chão, ele concluiu com sarcasmo:

“Katanas leves parecem mais apropriadas para azianos.”

Risadas ecoaram ao redor. Luna apertou os lábios, engolindo a raiva. Não respondeu. Mas algo dentro dela se firmou.

Se força era o que ele respeitava, força ele teria.

A partir daquele dia, passou a usar as tardes livres para treinar sozinha já que não podia visitar seu mestre. Não gostava de Vincent, mas sabia que sua aprovação era essencial para alcançar a Guarda Dracônica. Sem ela, acabaria esquecida em alguma função secundária. Se o Caminho do Vento Silencioso a tornara leve como o ar, agora buscava também ser resistente como pedra.

Aspirante a Conselheira

Duas semanas atrás...

Sob o céu avermelhado do entardecer, a casa dos Verkünder se erguia próxima ao castelo.

Sabine estava sentada à grande mesa central, inclinada sobre um pergaminho aberto. Do outro lado da mesa, Lady Hahna, sua mãe, observava-a em silêncio. Uma mulher de presença marcante, com cabelos loiros presos em um coque impecável e olhos azuis que pareciam sempre avaliar mais do que as palavras revelavam.

“As instruções para guiar a nova aspirante chegaram?” A voz de Hahna indicava alguma expectativa.

A jovem aspirante levantou os olhos azuis assentindo. “Sim, mãe. Luna chegará à capital em duas semanas. Estou estudando seu histórico para apresentá-la adequadamente aos demais aspirantes.”

“E você entende por que ela é importante?”

Sabine hesitou por um momento, buscando as palavras certas. “Ela é... um símbolo. Os azianos vieram para cá como refugiados, e muitos deles ainda carregam as cicatrizes impressas pela Ordem do Sol Negro. Eles perderam tudo: suas terras, suas famílias, e até mesmo a confiança em si mesmos. Luna foi escolhida para reestabelecer o orgulho aziano e inspirá-los a acreditar que podem revidar a agressão.”

Hahna arqueou uma sobrancelha, avaliando a resposta da filha. “Verdade, mas incompleto. Continue.”

Sabine respirou fundo, tentando organizar seus pensamentos. “Além disso, ela é um elo entre nós e os azianos. Nossa aliança com eles ainda é frágil, e há desconfiança de ambos os lados. Se Luna se destacar, isso pode fortalecer os laços entre nossas culturas. Mas se ela falhar...”

“Se ela falhar, isso pode abalar a confiança que estamos tentando construir,” completou Hahna. “Muito bem, Sabine. Você está começando a entender. Mas há algo mais que você precisa considerar.”

A filha da chanceler franziu a testa, intrigada. “O que, exatamente?”

Hahna deixou escapar um suspiro breve, como se estivesse prestes a dizer o óbvio. “Luna não é meio-zeraphir e não possui nenhuma aptidão mágica. Para muitos, a ausência desse traço já basta para limitar o quanto ela pode subir. Tudo o que ela conquistou até agora veio de esforço puro. Isso é admirável, mas também a coloca numa posição delicada.”

Sabine assentiu lentamente, absorvendo as palavras da mãe. “Sim, eu sei. Muitos dos outros aspirantes têm traços ancestrais e habilidades mágicas, habilidades que os tornam naturalmente superiores

em algumas áreas. Luna terá que trabalhar o dobro para provar seu valor.”

Hahna sorriu levemente. “Escute, minha filha. O que está em jogo aqui vai além de Luna ou dos aspirantes. Nossa família sempre atuou como mediadora entre humanos e meio-zeraphirs. Sabemos melhor do que ninguém o perigo que essas habilidades representam quando mal utilizados. Elas podem corromper e transformar até os mais nobres em monstros.”

A chanceler levantou-se com elegância, alisando as dobras do tecido fino de seu traje enquanto caminhava até a janela da sala principal, onde a luz das lamparinas começava a brilhar nas ruas de pedra vulcânica lá fora.

“Lembre-se, Sabine”, disse ela, sem se virar. “Guiar a senhorita Yamaneko no primeiro dia não é só um dever administrativo. É a chance de mostrar a ela, e aos outros, que nossa força está em construir elos

significativos entre indivíduos. É isso que torna a família Verkünder indispensável.”

Sabine permaneceu em silêncio por um momento, absorvendo as palavras da mãe. Por fim, assentiu, determinada. “Farei o meu melhor, mãe.”

Hahna virou-se, lançou à filha um último olhar aprovador antes de sair da sala. “Eu sei que vai, minha filha.”

Quando a porta se fechou, Sabine deixou escapar um suspiro longo. Por mais que tentasse esconder, havia uma ponta de insegurança. Como alguém sem habilidades mágicas, Sabine sabia bem o que significava ser subestimada. Mesmo sendo filha de uma chanceler influente, sempre precisara provar seu valor através de esforço e competência. E agora, ela via algo de si mesma em Luna. “Talvez seja por isso que sinto tanta responsabilidade em ajudá-la.”

Duas semanas depois...

Antes mesmo do nascer pleno do sol, Sabine já estava de pé. Vestiu-se com agilidade, cuidando apenas do essencial, passou os dedos pelos cabelos loiros para ajeitá-los com praticidade. Ao sair, pegou uma maçã e cruzou as ruas cumprimentando os conhecidos com o mesmo sorriso carismático de sempre.

Ao chegar ao castelo, dirigiu-se ao salão de armazenamento, recolheu o uniforme reservado para Luna. Subiu até os aposentos da nova aspirante, parou diante da porta e bateu suavemente.

Momentos depois, a porta se abriu, revelando uma jovem aziana de postura firme. Seus lindos olhos amendoados brilhavam com curiosidade.

“Bom dia! Você deve ser a Luna, certo? Sou Sabine”,
apresentou-se a jovem com um sorriso radiante.
“Trouxe seu uniforme. Pensei que poderia precisar
dele.”

Fora da Zona de Conforto

Mais um dia de treinamento prático chegou, e o capitão reuniu os aspirantes no pátio.

“Hoje conheceremos o Prelúdio da Vitória”, anunciou o instrutor em voz alta, chamando a atenção dos aspirantes. “Trata-se de um ritual de guerra em que os lados em disputa designam um campeão para lutar até a morte. O resultado desse duelo pode determinar o curso de uma batalha inteira, influenciando negociações, a moral do exército e até mesmo rendições.”

Os alunos escutavam com atenção, fascinados pela ideia de um único combate decidir destinos tão grandiosos.

“O campeão carrega o peso da honra e da sobrevivência de sua facção”, prosseguiu Vincent. “E, como manda a tradição, ele nunca luta sozinho. Ao seu lado, sempre haverá um escudeiro, alguém que o auxilie como estrategista, curandeiro ou

simplesmente um companheiro fiel para apoio moral.”

Vincent fez uma breve pausa, observando os rostos atentos à sua frente.

“Na lição de hoje, faremos a simulação desse duelo, a atividade será dividida em duas partes. Vence a parcial quem conseguir atingir o oponente em qualquer parte do corpo.”

Os alunos murmuravam empolgados entre si.

“Vistam os equipamentos de proteção, escolham suas armas de madeira e retornem ao centro do pátio. Vamos formar um círculo e iniciar os duelos.”

Os alunos prontamente se dirigiram à área onde os equipamentos estavam dispostos, em um dos cantos do pátio, e começaram a se equipar.

Luna estava com dificuldades para vestir o equipamento, era pequena demais para todos os tamanhos disponíveis. Sabine, ao perceber a situação, aproximou-se para ajudar a amiga.

“Levante os braços, deixe que eu a ajudo”, disse, ajustando as correias.

“Obrigada pela ajuda. Tudo isso me irrita... Eu não deveria estar fazendo isso. Não fui treinada para usar armadura pesada, ainda mais uma que não serve direito.”

“Eu entendo sua frustração. Mas faz parte do treinamento da Academia experimentar vários estilos. Vai que você descobre um talento novo no meio disso tudo?”

Depois de se equiparem, os alunos escolheram suas armas. Luna optou por uma espada longa de madeira, a mais parecida com uma katana entre as opções disponíveis. Em seguida, todos retornaram ao centro do pátio.

Com o círculo formado, os duelos começaram. Vincent era quem decidia os pareamentos. Luna logo percebeu um padrão: o capitão agrupava alunos de

nível semelhante, mas, no fim, quase sempre os meio-zeraphirs saíam vencedores.

Entre a primeira e a segunda etapa, Vincent fazia observações e instruía os aspirantes. Também incentivava a turma a comentar, o que tornava a experiência ainda mais rica. Viego sempre era certo em suas análises, notando falhas e oportunidades que nem mesmo Vincent percebia. Luna passou a acreditar que, apesar da aparência frágil, o garoto de olhos dourados tinha tudo para se tornar um grande duelista. No entanto, ele acabou sendo uma das exceções: mesmo sendo meio-zeraphir, foi derrotado em seu duelo.

Quando chegou a vez de Luna, ela foi pareada com um dos melhores da turma: Kovu, o meio-zeraphir de pele negra como ébano, imenso como uma montanha. Ele empunhava um escudo do tipo torre e um martelo de guerra de madeira.

Luna posicionou-se na entrada do espaço delimitado, sentindo o peso dos olhares sobre ela.

Kovu tomou seu lugar, girando o martelo de madeira com facilidade.

“Ocê tá pronta pra começar?” perguntou, lançando um olhar desafiador.

"Mais do que nunca", respondeu ela, ajustando a postura.

“Preparados?” questionou Vincent, olhando para os dois. Eles assentiram.

“Comecem!”

O combate começou, e Luna sentiu de imediato as limitações da armadura. Seus movimentos estavam pesados, pouco naturais. Kovu avançou com golpes fortes e diretos. Esquivas laterais ou se abaixar estavam quase fora de questão com o peso que carregava. Recuar era a única saída, mas isso a afastava demais para conseguir atacar.

“Concentre-se, Luna!” gritou Sabine da lateral, tentando orientá-la.

Ela tentou se adaptar. Em condições normais, refletir um golpe de martelo seria impossível, mas com uma arma de madeira, havia margem. Ela se aproveitava dos momentos em que Kovu precisava se recuperar de um ataque para contra-atacar. Ainda assim, havia um obstáculo entre eles: o escudo enorme.

O duelo seguiu, com trocas constantes de ataques e defesas. O suor escorria pelo rosto de Luna. Exausta, sentia seus movimentos perderem precisão. Os golpes de Kovu, antes fáceis de prever, tornaram-se mais ameaçadores.

Vincent observava tudo com atenção, braços cruzados e expressão indecifrável.

Kovu soltou um urro e ergueu o martelo para um golpe vertical, com toda a força. Luna bloqueou acima da cabeça, era a chance perfeita para um contra-ataque, mas precisava das duas mãos para segurar a espada

contra a força do impacto. Sabia que o ideal seria desviar o martelo para o lado antes de atacar. Contudo, antes que pudesse agir, seu tornozelo cedeu sob o peso do golpe. Um dos joelhos tocou o chão, e, num instante, Kovu acertou seu peito com um pontapé frontal, lançando-a ao solo.

“Kovu venceu esta!” anunciou Vincent.

“Nuuu... mais rápida do que pensei, sô!”, admitiu o adversário impressionado, recuando alguns passos.

Luna se levantou, ainda sentindo uma leve falta de ar devido ao impacto, e caminhou até o centro do círculo para a rodada de comentários.

Vincent havia percebido a manobra que Luna tentara aplicar.

“Defletir golpes de martelo com uma espada é muito arriscado, principalmente quando o oponente é muito

maior e mais forte que você. Se precisar fazer isso, use a técnica chamada *half-swording*³.”

Ele então explicou em detalhes quando e como utilizar essa técnica. Em seguida, voltou-se para Kovu.

“O escudo não serve apenas para defesa. Use-o também para atacar, pressionar e desequilibrar o inimigo.”

Logo depois, abriu espaço para os comentários da turma.

“Kovu é defensivo demais. Ele poderia usar um escudo do tipo *heater*⁴, que ainda oferece proteção, mas permite uma espada longa para compensar no alcance”, comentou Avouriel, com o tom seguro de quem acredita saber mais que os outros.

³ half-swording é segurar a espada pela lâmina com a mão livre para encurtar a arma e ganhar mais controle e força ao bloquear ou desviar golpes pesados.

⁴ Nota: o heater é um escudo em formato de “gota” invertida. Protege bem o tronco e ainda deixa o braço mais livre, facilitando o uso de uma espada longa e maior alcance.

“Boa observação”, disse Vincent. “Escudos torre são mais usados em formações, para proteger aliados. Em duelos, costumam limitar mais do que ajudar.”

“A Luna poderia usar uma lança ou um alabardo. Ela precisa de alcance para lidar com alguém tão mais alto. Se mantiver a distância, também evita ser atingida.” disse outro aluno.

Vincent concordou com a estratégia e voltou os olhos para os dois duelistas.

“Querem trocar de armas depois dos comentários?”

“Eu prefiro ficar com o equipamento que eu já tô acostumado. Sei que não é a melhor combinação pra encarar a Luna, mas em combate de verdade ninguém escolhe inimigo. Eu quero me especializar no que faz sentido pro meu papel em campo: segurar a bronca e dar cobertura pros meus aliados.”

“Escolha compreensível. Parabéns pela decisão”, disse o instrutor, com um aceno de aprovação. “E você, Luna? Precisa de alguma ajuda?”

Ela hesitou por um instante. O orgulho quase falou mais alto, mas a vontade de vencer foi mais forte.

“Sim... Quero saber o que o Viego tem a dizer.”

As palavras de Luna pegaram todos de surpresa. Vincent não esperava que a aziana fosse pedir ajuda, e Viego, menos ainda. Mesmo assim respondeu.

“Tire a armadura. Volte ao estilo no qual foi treinada. Essa armadura não vai te proteger de um golpe certo de um martelo de guerra, ainda mais vindo do Kovu. Então, o melhor caminho é simplesmente não ser atingida.”

A resposta a pegou desprevenida. Luna achou que recusar a armadura soaria como insolência. Não queria dar ao capitão mais um motivo para apertar o cerco, nem escalar a tensão entre eles.

Vincent autorizou que ela retirasse a armadura. O restante do grupo aguardava com expectativa a segunda metade do duelo.

De volta ao círculo, agora muito mais leve, Luna não conseguiu evitar o sorriso confiante que brotava em seu rosto.

“Preparados?” perguntou Vincent.

Os duelistas assentiram.

“Comecem!”

Kovu avançou de imediato, brandindo o martelo com força bruta. Luna esquivou-se com facilidade, movendo-se como uma sombra. Seus pés deslizavam pelo chão, leves e precisos, enquanto ela estudava os movimentos previsíveis do adversário.

Sabine observava à beira do círculo, empolgada com a mudança de postura da amiga.

O rapaz atacou novamente, dessa vez com um golpe horizontal. Luna abaixou-se em um movimento fluido e aproveitou a brecha para desferir um golpe, que novamente encontrou o escudo.

O jovem, que mais parecia um touro em fúria, tentou compensar a própria lentidão com ataques cada vez mais agressivos, o que só abriu mais oportunidades para Luna explorar. Então Kovu ergueu o martelo sobre a cabeça, preparando um golpe esmagador. Luna viu sua chance. A força da investida faria com que ele se abaixasse demais, deixando o lado direito exposto. Em um momento decisivo, Luna deslizou para o flanco com precisão calculada, e desferiu um golpe direto no trapézio do oponente. O som seco da madeira contra o metal ressoou alto, embora Kovu mal parecesse sentir o impacto.

“Luna venceu”, anunciou Vincent, com a mesma expressão indecifrável de sempre.

O silêncio tomou conta do pátio por um instante, seguido por aplausos. Kovu um dos duelistas mais temidos da turma, havia sido atingido pela novata.

Luna ainda sentia a adrenalina correndo quente por suas veias. Olhou para Viego, que curvou-se,

ligeiramente em um gesto de respeito: "Excelente trabalho, Yamaneko-san."

A Batalha de Atarashiminato

A aula administrativa se arrastava entediadamente. Luna encarava Vincent. As palavras do instrutor tornavam-se ruído distante, pois seus pensamentos giravam em torno de um único propósito: ela precisava entrar para a Guarda Dracônica. E para isso, teria que dobrar aquele homem carrancudo, que se colocava como um obstáculo.

Seus olhos deslizaram para o outro lado da sala, pousando sobre Kovu, a montanha de músculos que também almejava a mesma posição. Luna não podia se dar ao luxo de ficar atrás. Tinha que ser mais rápida, mais resistente, mais astuta.

Mais do que ele.

A tensão acumulada em seu corpo tornou-se física. Sem perceber, pressionou com força o lápis contra o caderno. Um estalo seco rompeu o silêncio ao redor, o grafite partira sob o peso do seu polegar. O som foi

discreto, mas suficiente para fazê-la olhar ao redor, tentando disfarçar o gesto impulsivo.

Sabine, sentada ao lado, notou. Mas, em vez de repreensão, ofereceu-lhe um sorriso compreensivo.

“Fique tranquila. O período de campo será mais o seu estilo. E com sorte, podemos acabar na mesma esquadra.”

Luna retribuiu o sorriso, ainda tentando parecer atenta, havia se perdido nos minutos finais da explicação de Vincent.

Vincent ergueu a voz, encerrando o tema:

“Em breve, todos receberão suas cartas de convocação, com a designação para suas esquadras e respectivos instrutores. O treinamento de campo começa na segunda-feira”

Só então Luna notou: Vincent já não ensinava, apenas transmitia um aviso. Ela havia escutado apenas o final.

“Último aviso: recesso militar neste fim de semana. Descansem e estejam prontos para o treinamento de campo. Dispensados.”

O amanhecer seguinte trouxe o primeiro dia de recesso militar.

As trombetas não soaram, o pátio estava vazio, e o castelo da Academia da Lâmina Flamejante parecia enfim relaxar.

Para a maioria dos aspirantes, aquele seria um raro dia de descanso. Para Luna, significava apenas uma coisa: poderia ver seu mestre novamente.

Desde que chegara a Drakhenheim, quase não tivera a chance de encontrá-lo. As ordens da guardiã eram claras. “Visitas apenas nos períodos de recesso.” Agora, finalmente, ela teria algumas horas livres.

Cruzou os portões do castelo em direção a cidade baixa, antes do Sol Vermelho alcançar o alto das

muralhas A região baixa era o oposto da austeridade da Academia: o som das oficinas, das bigornas e das rodas d'água, misturado-se ao ranger das carroças no calçamento, criava uma sinfonia de trabalho constante.

Haru Yoshitsune estava alocado numa casa modesta. As paredes de madeira escura e o jardim minúsculo mantinham o ambiente tranquilo.

Luna parou diante da porta, bateu suavemente três vezes, como fazia nos tempos de Minato.

Do outro lado, a voz de Haru respondeu com serenidade:

“Entre.”

Ela deslizou a porta e encontrou o mestre sentado diante de uma mesa baixa. O chá já estava servido, e ao lado dele havia tigelas com arroz branco e um filé de salmão grelhado, o café da manhã favorito de Luna.

“Bom dia, Shihan.” Os olhos dela marejaram no mesmo instante. O gesto silencioso de carinho a abraçaram como um raio de sol. Haru a conhecia como ninguém. Sabia que ela estaria ali na primeira oportunidade.

Luna se aproximou e sentou-se diante da mesa. Haru serviu o chá com a mesma calma de sempre.

“Como está a Academia?”, perguntou o mestre.

Luna sorriu, enxugando discretamente os olhos. Ela começou a falar, aos poucos, deixando as palavras fluírem como se há muito estivessem presas. Contou sobre os treinos em grupo, sobre o pátio tomado por gritos e aço, e de como enfrentou Kovu em um duelo que quase terminou em derrota. Falou das magias que vira: um colega capaz de criar gelo do nada, outro com chifres que cuspia fogo como uma criatura ancestral.

Descreveu as muralhas da Academia, e como tudo parecia feito para lembrar aos aspirantes o quão pequenos ainda eram.

Por fim, mencionou Sabine. Sua voz suavizou, e um leve sorriso surgiu sem que ela percebesse. Disse que Sabine era diferente dos outros, era simpática e encantadora. Gostava da forma como ela ria, e do otimismo com que enxergava o mundo.

Falou ainda do rigor das aulas, dos exercícios que exigiam sincronia. Comentou, em tom quase divertido, o quanto o instrutor podia ser ranzinza. Mas, ao final, sua voz diminuiu um pouco. Disse que às vezes tinha a impressão de que ele não gostava dela. Talvez fosse coisa da sua cabeça. Ou talvez fosse por ser uma estrangeira.

Haru ouvia com genuíno interesse cada lembrança contada com tanto entusiasmo pela sua discípula. Mas quando o nome de Vincent surgiu entre as histórias, seu semblante mudou abruptamente, agora mais tenso e sério.

“Luna...” disse com calma. “Vou te contar algo que pode mudar a forma como enxerga o capitão Vincent.”

Luna endireitou a postura e pousou os hashis sobre a mesa. Ela sabia que a conversa tomava um rumo mais sério.

“Quando a Ordem do Sol Negro atacou nosso povo, eu viajei até Drakhenheim, e implorei pela ajuda do Protetorado do Fogo Eterno. O General Heinrich respondeu ao chamado, mas com uma condição. Os azianos deveriam se aliar aos Jurados do Fogo Eterno e lutar sob a bandeira de Voraktrix.”

Haru fez uma breve pausa antes de prosseguir.

“Eu aceitei. E um batalhão foi enviado para Atarashiminato, com a missão de proteger o porto e manter aberta uma rota para os navios até o Protetorado. O jovem capitão Vincent liderava esse batalhão. Ele garantiu a retirada segura de milhares de azianos e resistiu ao cerco da Ordem do Sol Negro por dias.

Na última investida da Ordem, as tropas azianas e os Jurados lutaram lado a lado, ganhando tempo para

que os últimos civis embarcassem. Mas, pouco antes do último navio zarpar, as tropas azianas se retiraram repentinamente, deixando apenas os Jurados na linha de frente. Eles foram massacrados.

Encontrei Vincent gravemente ferido, com uma lâmina cravada no olho. Eu o arrastei para o navio contra a sua vontade. *‘Nunca deixarei meus homens para trás’* ele murmurava.”

Houve uma pausa longa. A jovem precisava disso para digerir tudo que lhe foi dito.

Depois ele continuou, o tom permanecia calmo, embora pesado.

“Entretanto, o nosso Kanrei⁵ Daigo, que não estava presente na ocasião do acordo, recusou-se a manter os termos. Embora grato pela ajuda, ele não queria prolongar a guerra. Queria reerguer o império, e sabia que seguir Voraktrix e de seus muitos meio-zeraphirs,

⁵ Título político aziano, equivalente a Chanceler.

num mundo em que a Ordem do Sol Negro os caça, seria o mesmo que procurar mais confrontos.”

Luna permaneceu em silêncio. Não era essa a história que conhecia. Haru era visto como o herói, o guerreiro protetor, uma lenda viva. Havia uma estátua em Minato em sua homenagem, canções e poemas...

"O General Heinrich então fez um último pedido ao Kanrei Daigo. Ele escolheria pessoalmente uma das órfãs da guerra. Esse bebe seria entregue a mim, que deveria treiná-lo desde a infância segundo o Caminho do Vento Silencioso. Ao concluir o treinamento, ele retornaria a Drakhenheim, sob a proteção de Voraktrix."

A jovem permaneceu com a cabeça baixa. Por um longo tempo, não conseguiu erguer os olhos para o mestre. Quando enfim falou, sua voz era quase um sussurro.

“Por isso a desconfiança.”

“Vincent é um homem de honra. Tudo o que faz é guiado pelo dever. E agora o dever dele é moldar você para servir entre os Jurados do Fogo Eterno. Ele fará isso da única maneira que conhece, com golpes e provocações. Às vezes o processo dói, mas o propósito é nobre.”

Ele fez uma breve pausa, mantendo o olhar suave.

“Você não tem culpa pelo passado. Não leve sobre os ombros o peso das escolhas que não foram suas. Já carrega um fardo grande o bastante. Concentre-se em seguir o seu caminho.”

Haru então serviu mais chá e empurrou uma das tigelas em sua direção.

O resto da manhã passou de forma leve. Falaram pouco, mas o silêncio entre eles era confortável, o tipo de quietude que só existe entre quem se compreende sem precisar de palavras.

Depois do café da manhã, conversaram sobre Minato e até sobre as trivialidades da vida, entre risos contidos e lembranças antigas.

Quando a kazeha perguntou sobre o General Heinrich, Haru sorriu de leve.

“Disse que você é persistente, que fez amigos... e que o vento já sopra a seu favor.”

Luna retribuiu o sorriso, discreto, mas sincero. Pela primeira vez em muito tempo, sentia-se em paz.

Entre a Chanceler e o General

Ainda no dia anterior...

Sabine mantinha os olhos no quadro quando ouviu um estalo seco. O lápis de Luna se partira. Virou-se e encontrou o rosto da amiga tenso. Imaginou que fosse devido ao anúncio de Vincent sobre o treinamento em campo.

“Fique tranquila. O período de campo será mais o seu estilo,” sussurrou Sabine, oferecendo um sorriso. “E com sorte, podemos acabar na mesma esquadra.”

Luna relaxou um pouco.

No final da aula, Sabine despediu-se brevemente. A chanceler a esperava para um breve encontro. Por isso, moveu-se sem demora para o corredor.

A porta do escritório da chanceler estava aberta. Sabine entrou, fechando-a atrás de si.

Lady Verkünder estava à mesa, um caderno de anotações em mãos.

“Filha. Como foi a aula?”

“Produtiva. Administração Estratégica. O treinamento em campo começa na próxima semana.”

“Soube disso. Vai ser uma experiência valiosa. A geografia local tem mais nuances do que os livros mostram. Mas falaremos mais sobre isso depois. Agora, ao que importa.”

Ela abriu um mapa detalhado do continente sobre a mesa.

“Essa iniciativa chama-se ‘Vigília do Sol Vermelho’. Nossos astrônomos conseguiram prever a rota do próximo eclipse, que ocorrerá nas proximidades de nossa região. Isso nos concede algo inédito: a possibilidade de antecipar onde a Ordem do Sol Negro poderá abrir um portal.”

Sabine inclinou-se, observando as marcações.

“Esses pontos... são os locais previstos?”

“Exato. Cada um deles representa uma possível rota de invasão. Por isso, precisamos agir antes. A Companhia dos Vigilantes será enviada para essas zonas, a fim de fortalecer alianças e estabelecer postos avançados. Se o inimigo surgir, não encontrará territórios isolados, mas aliados preparados.”

Ela virou o mapa, revelando outras anotações, como nomes de vilas, tribos e cidades independentes.

“Os Vigilantes terão a missão de visitar essas regiões, convencer seus líderes a se unirem ao Protetorado e negociar acordos políticos, territoriais e militares conforme cada situação. Essas missões exigirão força militar, inteligência estratégica e sensibilidade diplomática, pois qualquer erro poderá desencadear conflitos maiores.”

Sabine remexeu-se na cadeira, intrigada.

“E qual seria o meu papel nisso?”

A chanceler apoiou as mãos na mesa, o olhar fixo na filha. “Como haverá contato com culturas diversas, precisarei de alguém em campo que me auxilie no planejamento de abordagens e estratégias de negociação. A comunicação com a capital será limitada, por isso discernimento e capacidade de improvisação serão essenciais. Acredito que você está pronta para assumir essa responsabilidade e atuar como minha assistente direta em campo.”

“Assistente direta? Eu... não esperava algo tão... imediato.”

Hahna continuou, ignorando a hesitação. “Isso significa que você viajará. Não apenas dentro de nosso território, mas também para além das fronteiras do protetorado.”

Sabine recostou-se na cadeira. A ideia de cruzar fronteiras era algo que nunca havia considerado.

“Viajar...” murmurou, mais para si mesma do que para a mãe. “Eu pensei que meu foco seria aqui, nas cidades fogo-eternenses.”

“Os tempos mudaram,” disse Hahna. “Pela primeira vez, temos uma estimativa confiável de onde o inimigo pode surgir. Devemos estar prontos antes que a sombra do eclipse retorne.”

Sabine sentia uma mistura de apreensão e excitação. Finalmente, ergueu os olhos, tentando esconder qualquer traço de insegurança.

“Farei o que for necessário.”

“Excelente. A documentação já está pronta. Você será oficialmente designada à Vigília do Sol Vermelho logo após sua formatura.”

Uma batida na porta interrompeu a conversa.

“Entre.” Respondeu Hahna.

A porta se abriu, revelando o General Heinrich. Ele trazia uma pasta de couro em uma mão e apoiava-se levemente na bengala com a outra.

“Lady Verkünder”, cumprimentou ele com um leve inclinar de cabeça. “Peço desculpas por chegar antes do horário combinado. Espero não estar interrompendo nada importante.”

Hahna fez um gesto cordial, indicando que ele entrasse. “Não se preocupe, general. Estávamos apenas finalizando uma conversa.”

Sabine levantou-se prontamente, e prestou continência. Heinrich retribuiu o gesto.

“Vou me retirar para dar mais espaço aos dois”, disse a aspirante, já caminhando em direção à porta.

“Senhorita Verkünder, posso lhe fazer uma pergunta?”

Ela parou à porta, virando-se para encará-lo. “Claro, senhor general.”

“O que você acha de Yamaneko-san?” perguntou diretamente.

Sabine hesitou por um instante, surpresa com a pergunta. “Ela é habilidosa, determinada e tem se esforçado bastante. Está começando a se destacar nas aulas.”

“Isso está no relatório de Vincent. Eu perguntei o que **você** acha dela.”

Os olhos de Sabine buscaram os da mãe, como se procurasse orientação. Hahna, no entanto, apenas acenou discretamente com a cabeça, incentivando-a a confiar em si mesma e falar livremente.

Sabine respirou fundo antes de falar. “Luna sempre foi uma aprendiz solitária, acostumada a depender apenas de si mesma. Agora, está sendo desafiada a se integrar, e a trabalhar em equipe, algo completamente novo para ela. Se o objetivo é moldar esse aspecto, o melhor caminho é colocá-la em uma operação que

exija sincronia e confiança mútua. Só assim ela aprenderá o verdadeiro peso de um comando.”

Heinrich refletiu sobre as palavras da aspirante, e quando finalmente falou, sua voz saiu resoluta: “Uma análise direta e desprovida de romantismo. Isso é raro em alguém da sua idade. Considerarei sua sugestão ao definir o treinamento adequado para Yamaneko-san.”

Hahna observou a interação com atenção, e quando o general demonstrou aprovação pela resposta, um sorriso discreto surgiu em seu rosto. Era um misto de orgulho materno e satisfação profissional. Como mãe, via a filha crescer diante de seus olhos. Como chanceler, sabia que havia escolhido a pessoa certa para estar ao seu lado.

Sob o Sol Vermelho

Luna relia a carta de convocação mais uma vez. A caligrafia precisa do comando informava data, horário e ponto de encontro no pátio central. Instrutor: Vincent Hensel. Incomum ver um capitão tão condecorado acompanhar um grupo de aspirantes em um simples treinamento de campo. E tinha que ser justamente o dela.

Ao final, uma observação destacava-se em tinta escarlate: “Uniforme leve. Portar a espada Justiça Prateada.”

Tocou o punho da katana à cintura, garantindo que estava em posição, só então saiu do quarto.

O pátio já fervilhava de movimento. Grupos se formavam em torno das carruagem, cocheiros ajustavam arreios quebrando o silêncio matinal. Entre a multidão a kazeha reconheceu Viego, agachado ao lado de um enorme lobo de pelagem negra.

O animal, de olhos âmbar e porte impressionante, estava deitado calmamente, a cabeça apoiada na perna do dono.

“Bom dia! Ele é seu?” perguntou Luna, aproximando-se com cautela.

Viego ergueu o olhar e sorriu. “Sim. Shatten. Não precisa ter medo, o encontrei ainda filhote. E o treinei desde então”

“Ele vai com a gente?”

“Infelizmente, não. O capitão já foi claro. Nenhum animal fora do protocolo. Mas eu juro que Shatten seria mais útil que metade dos aspirantes.”

Luna sorriu. “Acredito nisso.”

O som de passos pesados ecoou atrás deles. Kovu surgiu, seguido por Joanne, que carregava uma bolsa de couro com o emblema dos paramédicos. Pouco depois, Sabine e Avouriel chegaram.

Quando o capitão Vincent aproximou-se do grupo, os aspirantes se alinharam em formação e prestaram continência.

“Bom dia aspirantes. O grupo sete, ao qual vocês pertencem, inicia hoje o treinamento em campo. O objetivo é simples: avaliar sua capacidade de operar fora de um ambiente controlado.”

Fez uma breve pausa, observando o alinhamento de cada um.

“Antes da partida, realizaremos a inspeção de rotina. Nenhuma missão começa sem controle de equipamento. O soldado Martin, designado à função de cocheiro, auxiliará na demonstração do preparo da carruagem, conforme os padrões do comando-geral.”

Depois das devidas checagens e instruções, Vincent enfileirou novamente o grupo para dar mais detalhes da missão.

“A missão de campo terá duração de seis dias. Dois dias completos até o sopé da Serra de Hohenstein,

onde a carroça ficará. Daquele ponto em diante, seguiremos a pé até o antigo Observatório Ancestral no topo da serra. Com propósito de avaliar as condições da estrutura, redigir um relatório e retornar sem baixas.”

Seu olhar varreu o grupo.

“Este exercício será conduzido como operação real. Com formação de vigília e defesa noturna. Tratem cada colina como uma possível emboscada.”

Fez-se um breve silêncio. Então Vincent acrescentou:

“Dúvidas?”

Viego ergueu a mão. “Senhor, para uma viagem tão longa e subida de montanha, dois escudos do tipo torre não são um fardo desnecessário? Não seria mais eficiente utilizar equipamentos mais leves?”

“Este treinamento existe para testar a capacidade de adaptação e resistência dos aspirantes. Se o peso

incomoda, aprenda a carregar o desconforto. Isso ensina mais que qualquer aula.”

O capitão fechou a prancheta e apontou para a carruagem.

“Checagem concluída e dúvidas encerradas. Embarquem. Partiremos imediatamente.”

A carruagem avançava em ritmo constante pela estrada de pedra. O interior era estreito, porém organizado, com compartimentos de suprimentos sob os assentos e o teto decorado com o brasão da Academia da Lâmina Flamejante.

Do lado de fora, Vincent viajava ao lado de Martin, trocando breves observações sobre o trajeto. No interior, porém, a energia era diferente.

Os aspirantes conversavam animadamente, rindo entre uma sacudida e outra da carroça. Era a primeira missão fora dos muros da capital e, por algumas

horas, a formalidade militar parecia ter ficado para trás.

Entre as vozes e risadas, Sabine percebeu Joanne recolhida no canto, observando o horizonte pela fresta da janela. A paramédica sempre fora reservada.

Sabine inclinou-se, com um sorriso gentil.

“E então, Joanne? O dia está claro. Parece que teremos uma noite estrelada, não é?”

A resposta veio baixa.

“Sim... Uma noite estrelada... É claro...”

A conversa cessou aos poucos, como se todos instintivamente lhe dessem espaço. Joanne percebeu os olhares, recolheu os cabelos atrás das longas orelhas pontudas e continuou, em um tom doce que a tornava inconfundível.

“Quase não há mais céu azul, mesmo quando o Sol está tão alto. Me pergunto se algum dia teremos apenas um céu avermelhado.”

Houve uma pequena pausa, mas Avouriel em tom quase exibido preencheu o vazio.

“Na casa da minha família há um quadro antigo. Séculos de idade. Mostra o Sol dourado e o céu azul como cristal. Isso antes dos portais ruírem. Deve ser impressionante ter visto o céu assim.”

Viego, arqueia-se para o cento, com a voz baixa, quase confidencial.

“Li um manuscrito antigo, parcialmente destruído. Escrito em língua ancestral. Dizia que o Sol está morrendo, que a cada geração o inverno se alongava e o vermelho consumia mais o azul do céu. O restante do texto se perdeu, e ninguém sabe quem o escreveu ou como sabia disso.”

Sabine, desconfiada, questionou.

“Você fala com convicção demais para um boato.”

“Não tenho certeza. Mas o manuscrito não soava como mito. Parecia um relatório. Alguém estudou o

Sol, escreveu suas conclusões e depois desapareceu.”

Kovu também entrou na discussão:

“Vai ver é isso mesmo. Lá pro sul, as tribos do deserto contam que foi tanta guerra que o Sol cansou. Dizem que ele foi secando aos poucos, igual rio em tempo de seca. Quando os mundos começaram a brigar entre si, os Zeraphirs fecharam as portas do céu pra ver se dava um respiro, pra um mundo não engolir o outro. Mas a tal da Ordem do Sol Negro não aprende, não. Vivem mexendo com o que devia ficar quieto. Pegam meio-zeraphirs, roubam relíquias antigas e falam que é pra abrir de novo os portais. Eu digo que isso é gente que não teme castigo.”

Um silêncio breve pairou. O som das rodas sobre o solo ecoou mais alto.

Avouriel quebrou o silêncio com uma pergunta brusca:

“Luna.. você estava em Atarashiminato, não? Como foi quando a Ordem atacou?”

O olhar da aziana endureceu.

“Eu não sei. Eu era um bebê. Eu só sei que as terras foram corrompidas, monstros vagam a região, tornando impossível voltar.”

A resposta seca deixou claro o desconforto.

Sabine interveio de imediato. “Avouriel, talvez esse não seja o melhor tema.”

Então ela abriu a bolsa de viagem e retirou uma pequena lira de madeira, envolta em um pano.

“Uma canção muito popular entre os fogo-eternenses. Chama-se Eckenlied.”

Viego reconheceu o nome e comentou empolgado.

“A música sobre Dietrich von Bern, o matador de gigantes!”

Sabine sorriu e começou a dedilhar o instrumento. A melodia surgiu suave. Sua voz afinada percorreu o interior da carruagem, encantando os companheiros, logo Viego acompanhou o refrão, seguido por Avouriel e até Joanne, que cantarolava em tom quase sussurrado.

Por alguns minutos, não havia fronteiras entre eles, apenas a música, o som das rodas e o Sol Vermelho iluminando rostos que começavam a se reconhecer como companheiros.

A Esquadra

Durante a viagem, Vincent ordenava pausas curtas ao longo da estrada, não para descanso, mas para instrução.

Apontava para o horizonte, descrevendo como o vulcão adormecido servia como ponto de orientação natural, visível em quase toda a região.

Indicava colinas ideais para vigília, vales perigosos por permitirem emboscadas, e trechos planos adequados para montar acampamento. Também ensinava a avaliar o solo pelo toque, firme o bastante para sustentar carruagens ou traiçoeiro demais após a chuva.

Em um determinado trecho, Vincent ordenou nova parada. O caminho à frente tornava-se estreito e pedregoso, impróprio para carruagens. Após avaliar o terreno, decidiu que Martin seguiria sozinho até o vilarejo mais próximo, enquanto o grupo acamparia às margens de um rio nas proximidades, como parte do

treinamento. Na volta, passariam pela aldeia para reencontrar a carona.

Os aspirantes desceram da carruagem carregando os devidos equipamentos e seguiram em fila pelo caminho estreito que descia até a margem do rio. Quando alcançaram o terreno plano, junto à beira, Vincent deu a ordem final.

“Montem o acampamento e aproveitem para descansar. Amanhã continuaremos a subida pela montanha.”

Viego encarregou-se da montagem das barracas, enquanto Joanne conferia os suprimentos e verificava se a água do rio era própria para consumo. Kovu e Avouriel cuidavam da fogueira. Luna e Sabine se encarregaram de distribuir mantas, organizar os utensílios.

Tudo avançava com eficiência. O grupo já havia treinado para situações assim. Quando o acampamento ficou pronto e o crepúsculo começava

a refletir sobre a superfície vermelha do lago, Sabine respirou fundo e observou a água tranquila à frente. Soltou um leve riso, aliviando a tensão do grupo.

“Depois de dois dias nessa estrada, um banho não parece má ideia.”

Kovu e Avoriel trocaram olhares cúmplices antes de assentirem.

“Bão demais esse lugar, bora aproveitar!”, disse Kovu, já afrouxando as correias da armadura e soltando o cinto.”

Os aspirantes começaram a caminhar em direção ao rio, tirando suas botas e peças de roupa pelo caminho. Havia uma naturalidade em seus gestos, como se aquele momento fosse apenas mais uma parte da convivência em grupo. Riam e brincavam, jogando provocações uns aos outros enquanto mergulhavam nas águas refrescantes. Apesar da intimidade da situação, não havia olhares maliciosos, apenas um respeito que tornava tudo leve e

descomplicado. Luna hesitou por um momento, observando-os de longe. Sentia-se desconfortável com a ideia de se despir diante deles.

Vincent observou o grupo à distância antes de voltar-se para a jovem aspirante.

“Os outros já estão no rio. Deve aprender a conviver com sua esquadra.”

“Entendo... mas eu prefiro um pouco mais de privacidade. Vou subir um pouco o rio.”

Respondeu em tom contido antes de se afastar. Enquanto caminhava, sentiu o peso do olhar do capitão em suas costas.

Após alguns minutos, encontrou-se sozinha entre as árvores. Despiu-se em silêncio e entrou lentamente no rio gelado. A água fria subiu até os ombros, e ela permaneceu ali, banhando-se em meio à quietude.

Foi então que ouviu uma movimentação atrás de si. Virou-se depressa, com olhos arregalados ao ver

Vincent parado na margem. Ele a observava com o mesmo olhar firme de sempre, começou a tirar as botas e o colete, revelando as cicatrizes que marcavam seu corpo. Ela desviou o olhar instintivamente, o rosto queimando de constrangimento. A presença dele já a incomodava, mas a nudez tornava tudo pior. Sem uma palavra, Vincent desamarrou o tapa-olho, colocou-o junto aos pertences e entrou até a cintura, molhando os cabelos negros salpicados de fios brancos, antes de se aproximar. Luna recuou levemente, mantendo distância, mas ele não pareceu se importar. Seu único olho bom fixou-se nela.

“Você ainda se mantém à parte da esquadra.”

Constatou com voz baixa, mas firme como sempre. Ela tentou desviar o olhar, mas não pôde evitar notar o olho mutilado, uma cicatriz profunda que cruzava o lado esquerdo de seu rosto.

“Não estou me mantendo à parte de nada.”

Disse franzindo o cenho, irritada com a acusação.

Vincent inspirou lentamente para conter a rigidez habitual e falou com Luna, pela primeira vez em tom mais baixa e controlado.

“Em guerra, ninguém tem o luxo da privacidade. Ao se afastar, acredita estar em segurança, mas apenas se expõe. Está sozinha e vulnerável, enquanto seus companheiros estão juntos, protegendo uns aos outros.”

Luna manteve o olhar fixo na superfície da água. Vincent, experiente, percebeu o leve recuo do corpo da jovem.

“Não há motivo para me temer. Estou aqui apenas para cumprir meu dever.”

Ele passou a mão pelo rosto, molhando a cicatriz que atravessava o olho vazio.

“Compartilhar momentos simples, como comer, montar acampamento ou tomar banho, faz parte do

treinamento. É assim que se forma uma unidade. Não se trata de intimidade, e sim de confiança. O Exército do Fogo Eterno não é temido pela força individual dos meio-zeraphirs, mas pela sinergia entre seus membros. Tenho observado seu desempenho nas aulas. Você sempre tenta ser a melhor. Foi isso que prometeu à guardiã: ser a **melhor** guarda. É só isso que parece importar para os azianos. Ser o melhor. Mas isso não é o que o campo exige. Avouriel não é melhor que Sabine por conjurar gelo. Cada um cumpre uma função, e todos são essenciais.”

O instrutor fez uma pausa breve, permitindo que ela assimilasse o que havia sido dito.

“Você ainda luta para alimentar seu ego aziano. Mas aqui, você precisa aprender a ser uma fogo-eternense.”

A garota não soube como responder. Quis negar, mas sentia a verdade em cada sílaba. O silêncio entre ambos pesava mais do que a água fria ao redor.

“Pode terminar seu banho em **privacidade**. Voltarei para acompanhar os outros aspirantes.”

Ela apenas assentiu, incapaz de erguer o olhar, mas algo dentro dela começava a se reorganizar. Talvez não precisasse ser a melhor, ninguém vence uma guerra sozinha. Talvez o que realmente importasse fosse aprender a fazer parte do grupo.

O Observatório

A noite avançou lenta e fria na floresta fechada. Kovu e Avouriel, que estavam de vigia no segundo período, conversavam em voz baixa, sempre atentos ao menor estalo vindo da mata ao redor. Mesmo assim, havia conforto na presença um do outro. Eram amigos dentro e fora da Academia, e a ronda noturna se tornava menos penosa quando dividida.

A serenidade da madrugada pesava sobre Avouriel, que lutava contra as pálpebras. Em certo momento, inclinou o corpo para trás, quase escorando o ombro em uma árvore.

“Para com isso”, Kovu o cutucou.

Avouriel suspirou, já sem esconder o tédio.

“É só um treinamento... Não estamos em risco. Me deixa dormir dois minutos antes de acordarmos o acampamento. Dois.”

Ergueu os dedos, indicando o número.

“E amanhã eu te pago com um pedaço de queijo que eu trouxe de sobremesa.”

Kovu deu uma risada curta, abafada.

“Isso num vai funcionar comigo! Ao contrário de certos indivíduos, eu levo meu treinamento a sério.”

Avouriel bufou, cruzando os braços.

“Você fala isso porque quase não precisa dormir.”

“Eu? Não preciso dormir? Isso é conversa fiada. Teve uma vez que passei três dias acordado direto. Aí precisei dormir uma noite inteirinha pra me recuperar. Acredita nisso? Uma noite inteira!”

Avouriel rolou os olhos, mas não conteve o riso. Então, ao observar que o primeiro clarão vermelho do sol atravessou as copas retorcidas das árvores, murmurou.

“Finalmente! Hora de acordar o acampamento”

Kovu moveu-se para dentro da tenda, para buscar uma trombeta de guerra forjada a partir do chifre de um dragão e decorada com as gravuras do Protetorado ao longo da curvatura. Saiu da tenda e então levou o chifre aos lábios e soprou com força. O som grave ecoou forte, subindo a montanha.

“Pelotão, de pé! Preparar acampamento!” Após cumprir a frase do protocolo, Kovu abriu um sorriso e completou: “Hora de botar o pé na estrada, sô!”

Um a um, os aspirantes saíram das barracas, ainda sonolentos, mas acostumados à rotina. Alimentaram-se sem demora, desmontaram as tendas e recolheram o equipamento. Concluída a checagem de rotina, o grupo retomou a marcha, iniciando a longa subida pela montanha.

A trilha estreita serpenteava entre pedras úmidas, cobertas por raízes e pequenas samambaias que se agarravam ao solo negro. Vincent seguia à frente, comentando sobre a vegetação local, árvores de

crescimento lento, capazes de sobreviver à escassez de luz e à força constante dos ventos.

Joanne, menos acostumada ao terreno íngreme, logo começou a sentir o esforço. O suor escorria pela lateral do rosto, e Viego a ajudava a atravessar os trechos mais difíceis, oferecendo-lhe a mão com discrição. Kovu havia se prontificado a carregar a mala de paramédico, ela recusou, pois fazia parte de seu treinamento carregar o próprio equipamento.

No meio da subida, Viego estreitou os olhos ao notar um sinal entalhado no tronco de uma árvore. Aproximou os dedos da marca para confirmar a suspeita: a madeira exposta ainda estava clara, recém cortada. *Não estamos sozinhos*, pensou. Imediatamente apertou o passo para alcançar o capitão, para quem reportou a descoberta.

O instrutor fez um sinal para que todos parassem, aproximou-se do tronco e avaliou a marca com atenção. A expressão séria endureceu ainda mais.

“Contrário ao relatório que recebemos, esta região pode estar sendo frequentada por tribos da montanha que não reconhecem a autoridade do Protetorado. Não sabemos se são pacíficas ou hostis. Vamos considerar o pior cenário.” Ele se endireitou e falou em tom firme. “A partir de agora, modo de alerta total. Atenção redobrada, formação mais fechada e armas prontas para serem sacadas. Mas a missão continua. Entendido?”

O grupo se remexeu de nervosismo, alguns trocando olhares tensos, outros apenas engolindo seco. Ninguém contestou. Simplesmente ajustaram o passo e retomaram a marcha, agora com sentidos muito mais afiados enquanto avançavam montanha acima.

Horas depois, quando o sol já tocava o meio do céu vermelho, a vegetação rareou. As árvores deram lugar a um planalto de gramíneas baixas. Do outro lado, após o campo aberto, uma curta ponte de pedra ligava

o planalto a um segundo penhasco, onde se erguia o Observatório Ancestral⁶ em ruínas.

A estrutura lembrava um pequeno castelo fortificado: muralhas estreitas com aberturas para arqueiros, quase ocultas pela vegetação que se espalhava pelas pedras. À beira do penhasco erguia-se a torre principal, coroada por um antigo aparato de observação astronômica tomado pela ferrugem.

O grupo avançou até a ponte quando Vincent ergueu o punho, sinalizando a parada. Virou-se para os aspirantes e distribuiu as funções.

“Kovu e Avouriel, vigilância fixa na ponte e no flanco. Controle de acesso e rota de retirada.”

“Sabine e Luna, vocês na frente. Avancem primeiro, com atenção e cautela, pelos cômodos internos. Mantenham contato visual o tempo todo com o grupo na retaguarda, Joanne, Viego e eu.”

⁶ Inspirado em Schloss Lichtenstein

Os aspirantes executaram as ordens, mantendo a formação em dois grupos, sempre com contato visual entre eles. No final da varredura não constataram sinais de presença hostil.

Com o local assegurado, Viego iniciou o relatório técnico da missão, registrou corredores, escadas e acessos, identificou a rota até a sala do telescópio. A guarda da ponte foi revezada. Avouriel e Kovu cederam o posto a Sabine e Luna, preservando forças para reassumirem a vigilância durante o turno da noite. Para Avouriel, o descanso era indispensável. O desgaste da marcha e da vigia contínua tornava-se evidente. Kovu, por outro lado, demonstrava pouca necessidade de repouso, uma vantagem que já se mostrava útil em campo.

A noite transcorreu sem incidentes. Apesar da preocupação inicial com possíveis presenças hostis.

Com o nascer do sol, a tensão residual se dissipou. O café da manhã foi simples, mas suficiente para

renovar os ânimos. As conversas tornaram-se mais leves, surgiram comentários descontraídos e algumas provocações amistosas, sinais claros de que a missão seguira conforme o esperado. O trabalho havia sido executado com eficiência, sem imprevistos relevantes.

Bem alimentados e de bom humor, os aspirantes se prepararam para a descida da montanha e o retorno à capital, confiantes de que haviam cumprido o objetivo da missão. O relatório de reconhecimento elaborado por Viego reunia informações essenciais e serviria de base para que o Protetorado decidisse se o Observatório Ancestral poderia, ou não, ter suas operações recuperadas no futuro.

Culto ao Sol Negro

Vincent tomou a dianteira assim que a retirada foi iniciada. Cada aspirante ocupando a posição já estabelecida durante a missão. Cruzaram a ponte de pedra e avançaram pelo campo aberto, afastando-se além do alcance imediato das ruínas.

O vento soprava baixo sobre as gramíneas, causando uma boa sensação de conforto. Logo antes de alcançarem a borda da vegetação mais densa, Vincent ergueu o punho em um gesto seco para pararem. O grupo congelou.

O capitão avançou um passo à frente, o olhar fixo na mata fechada. Permaneceu em silêncio por alguns segundos. A vegetação não seguia o padrão natural, folhas amassadas e um trecho do mato que parecia ter sido atravessado recentemente. Havia algo errado.

Vincent virou-se para o grupo, a voz baixa e firme.

“Vamos recuar para o observatório.”

Não houve questionamentos. Os aspirantes agilmente iniciaram os ajustes na formação para recuo.

“Não tão rápido!”

A voz surgiu da mata antes da figura. Um homem saiu da vegetação fechada, magro, com roupas gastas e um sorriso torto demais para ser casual. Logo atrás, outros surgiram entre as árvores, armados de forma irregular, espalhando-se sem formação clara.

“Vamos bater um papinho. Meus homens me chamam de Trinca-Osso. E hoje, eu estou de bom humor.”

Vincent manteve o rosto duro inexpressivo. Seus olhos percorreram o grupo com rapidez. Movimentos abertos demais. Postura relaxada, não eram soldados.

Virou-se levemente para encará-los.

“Sou o capitão Vincent Hensel, Jurado do Exército do Fogo Eterno, em missão oficial autorizada pela Guardiã Voraktrix.”

“Voraktrix... então é esse o nome da rainha de vocês?”

Deixa escapar uma risada de deboche.

“Nome cheio de firula, mas aqui não vale nada. Ó, capitão, vou te mandar o papo reto. A gente tá no corre atrás de gente que vale grana. E tu tá andando com pelo menos três que valem muito. O do cabelo azul, a gordinha da orelha comprida e o magrelo de olho amarelo. Tem gente pagando pesado por eles.”

Ele deu um meio sorriso, expondo os dentes amarelos.

“E tu não sai no prejuízo. Sai vivo. Sai com sua parte na grana. Cabeça inteira, sem furo. Isso hoje em dia já é lucro, parceiro.”

Atrás dele rolou risada baixa, de concordância.

“O grandão ali...”

“Esse é ouro de arena. Corpo bom, aguenta porrada. Gladiador sempre rende. Sempre tem maluco pagando pra ver sangue.”

A aparência do Kovu não o denunciava como um meio-zeraphir.

“A pequena do cabelo preto vira serviçal. E a loira eu vou pegar pra mim! Hehe. Tu sabe como funciona né não? Pra tua rainha tu fala que deu ruim. Que foi emboscada. Que geral caiu e só tu escapou. A gente pega um barco, vaza pra outro canto do mapa e acabou. Nunca mais se tromba.”

Ele abriu os braços, como quem oferece um favor.

“Bem melhor assim, né capitão? Sem briga, só gente grande fazendo negócio.”

Vincent não respondeu. Seu olhar desviou-se brevemente para Viego, responsável pela análise tática, O jovem entendeu imediatamente o sinal e avançou um passo para chegar ao lado do capitão.

“Eles têm fundas⁷”, murmurou. “É equipamento simples, mas o impacto dos projéteis quebra ossos com facilidade, mesmo através de armaduras”, e completou, após um olhar rápido. “Vi também apenas arcos curtos. Nada de arcos longos ou compostos. Não é um grupo preparado para batalha militar. Além disso...”

Fez uma pausa antes de continuar, o nervosismo lhe apertava o peito roubando-lhe o fôlego. Não era mais uma situação de simulação. O perigo de enfrentamento era real.

“Alguns deles carregam a marca do anel de fogo tatuada nas costas da mão. São caçadores de meio-zeraphirs a serviço da Ordem do Sol Negro.”

Calmamente, Vincent varreu os aspirantes com seu olhar experiente. Encontrou medo e tensão contida.

⁷ Uma arma simples feita de tiras de couro ou tecido, usada para arremessar pedras ou projéteis girando e soltando uma das pontas. No relato bíblico, arma utilizada por Davi para derrotar Golias.

Vincent sabia que o medo que via não era falta de preparo, era inexperiência. Aqueles aspirantes haviam sido treinados melhor do que qualquer um dos homens à frente. Aqueles bandidos eram desorganizados, incapazes até de executar uma emboscada decente. Em um confronto limpo, sem o peso emocional, os aspirantes seriam capazes de derrotar aqueles inimigos com extrema facilidade.

Ainda assim, não havia razão para arriscar.

Eles estavam relativamente próximos do Observatório, uma posição facilmente defensável. Recuar significava forçar os agressores a atravessarem a ponte, afunilando o ataque e anulando qualquer vantagem numérica. Vincent calculava cada possibilidade com frieza.

O desprezo do capitão pelos bandidos era tamanho que ele se recusou a dirigir-lhes qualquer palavra. Em silêncio, estendeu a mão e alcançou o escudo de torre

preso às costas. Ao encaixá-lo no braço, sua voz rompeu o ar:

“Kovu, comigo!”

Sem hesitar, o aspirante puxou o próprio escudo e tomou posição ao lado do capitão, formando uma linha sólida à frente do grupo e oferecendo cobertura aos que vinham atrás.

“Aí você me ferra, né, chefe”, resmungou Trinca-Osso, já girando a funda carregada com uma pedra lisa.

“Vamos à caça, rapaziada!”

Gritos irregulares ecoaram enquanto o grupo agressor avançava em desordem.

“Sabine, cuide dos flancos.”

Vincent sustentou o olhar por um instante, e o tom endureceu.

“Atire para matar.”

Os dedos trêmulos de Sabine buscaram uma flecha na aljava. Mesmo em meio ao caos, Vincent percebeu o detalhe, ele ainda conseguia observar tudo.

“Você é a melhor arqueira do Exército do Fogo Eterno”, disse, sem elevar a voz. “Concentre-se no alvo. Confio em você.”

O grupo recuava em formação, avançando pouco mais lento do que uma caminhada firme. As pedras lançadas pelas fundas chocavam-se contra os escudos com impacto violento, produzindo um som seco e estrondoso. O barulho amplificava o nervosismo entre os aspirantes.

Um dos mercenários corria pela lateral leste, para pegar uma posição de flanco.

Sabine já o tinha na mira.

Inspirou fundo, puxou a corda do arco longo com firmeza e prendeu a respiração. Soltoou a flecha.

O projétil cortou o ar e atingiu o alvo com precisão absoluta. O mercenário caiu sem sequer emitir algum som, o corpo tombou sobre o gramado.

Foi a primeira vez que Sabine disparava contra um alvo humano. A imagem do corpo rolando pela grama ficaria gravada em sua memória.

A ameaça constante dos disparos da arqueira impunha cautela aos agressores. Ainda assim, a cada passo, novos bandidos tentavam flanquear a formação. Agora também pelo lado oeste. Avouriel tentava manter aquela direção sob controle, conjurando lanças de gelo que rasgavam o ar e forçavam recuos, embora lhe faltasse a precisão letal de Sabine.

Vincent percebeu que, em poucos instantes, estariam cercados. Precisava acelerar a retirada. Para isso, teria de liberar os aspirantes que ainda estavam sob a cobertura dos escudos.

“Luna, Joanne, Viego e Avouriel”, ordenou, sem desviar o olhar da linha inimiga. “Corram para a ponte. Mantenham as costas alinhadas aos escudos. Não deixem ângulo aberto.”

Os aspirantes correram no ritmo máximo de Joanne, a mais lenta do grupo, mas ainda assim conseguiram alcançar o interior do Observatório sem sofrer baixas.

Com a linha reorganizada, a retirada tornou-se mais rápida. A poucos passos da ponte, Vincent liberou Sabine para recuar.

O alívio veio imediato. Sabine sentiu-se segura. Foi o suficiente para baixar a guarda por um instante enquanto atravessava a ponte. Do flanco oeste, um mercenário que passara despercebido girou a funda e lançou a pedra. O impacto atingiu Sabine nas costelas com força brutal. A dor arrancou-lhe o fôlego, as pernas falharam, e ela caiu pesadamente sobre a pedra fria da ponte.

Luna viu a amiga se contorcer de dor. No mesmo instante, Kovu se afastou de Vincent e recuou para protegê-la, interpondo o corpo aos ataques do oeste e erguendo o escudo ao norte para bloquear a investida frontal.

Foi então que Luna percebeu o perigo maior. Um arqueiro conseguira avançar pelo flanco leste. Vincent corria o risco de ser atacado pelas costas. Kovu, agora, estava exposto a ataques vindos de dois lados.

O ímpeto feroz

O sangue de Luna ferveu. Uma costela quebrada já era grave o bastante para a sua amiga. Mesmo assim o arqueiro poderia decidir que Sabina ainda era um alvo. O próximo tiro poderia ser fatal.

A kazeha sabia qual era a hierarquia. Sabia quais eram as ordens. Ainda assim, não conseguia permanecer imóvel enquanto via os companheiros sob ameaça iminente.

Quando se deu conta, já estava em movimento.

Cruzou a ponte rápida como um relâmpago, a Justiça Prateada reluzia em sua mão.

O arqueiro observou a movimentação da aziana. Com um movimento rápido, encaixou uma flecha, puxou a corda e disparou. Um tiro limpo, direto, feito para atravessar o peito de Luna.

Ela não desviou.

Em um gesto preciso, girou o pulso e interceptou a flecha com a lâmina da espada. O impacto ressoou metálico no ar.

O arqueiro congelou por um instante, incrédulo.

Os dedos dele buscaram outra flecha na aljava, mas Luna já estava sobre ele e ela cravou a Katana em seu peito. A lâmina afiada de Justiça Prateada atravessou com facilidade. Um golpe curto. Letal.

Sem perder tempo, Luna girou sobre o calcanhar e ergueu o olhar, afiado e feroz, na direção do Trinca-Osso.

Bem posicionado no topo da muralha, Avouriel conjurou uma lança de gelo que acertou em cheio o fundibulário no oeste. Com os ataques pelos flancos anulados, Vincent emitiu novas ordens.

“Kovu, recolha a Sabine. Eu faço a cobertura enquanto recuamos pela ponte.”

Kovu obedeceu. Com apenas um braço, ergueu Sabine e avançou em direção às muralhas do Observatório a passos largos.

Luna, por outro lado, permanecia imóvel. O olhar fixo no líder dos mercenários. Como um predador prestes a dar o bote.

“LUNA. RECUAR. AGORA!”

Mas ápidamente o capitão percebeu que as ordens eram em vão. Luna não compartilhava as mesmas emoções dos outros aspirantes. Não sentia medo, insegurança, nem nervosismo. Naquele instante, era pura fúria.

Antes que o capitão pudesse dizer mais alguma coisa para impor as ordens, Luna voltou a se mover, desta vez em direção ao grupo agressor.

Sua investida foi recebida por uma enxurrada de pedras e flechas, das quais ela se esquivou sem dificuldade. Ao perceberem que os ataques à

distância eram inúteis, os mercenários sacaram as armas e avançaram para o confronto corpo a corpo.

Vincent se recusava a acreditar no que estava acontecendo. Não era apenas teimosia e indisciplina, aquele comportamento beirava o descontrole, quase suicida. Mesmo assim, correu para ajudá-la.

Engajada no combate corpo a corpo, Luna conseguia enfrentar vários mercenários ao mesmo tempo, mantendo sobre eles uma pressão letal.

Vincent atacou um deles pelas costas, que havia deixado a retaguarda exposta enquanto tentava atingir Luna.

Cercados de inimigos, os dois jurados lutavam cobrindo as costas um do outro, em confiança mútua total. Vincent já havia combatido ao lado de outros azianos e conhecia bem o estilo deles. Luna, por sua vez, reconhecia os movimentos do capitão, aprendera observando suas aulas. Agora, isso se traduzia em uma coordenação fogo-eternense perfeita, agiam em

sincronia mortífera, derrubando os mercenários um a um.

Por fim, o Trinca-Osso caiu de joelhos. Não conseguia compreender como haviam sido derrotados por uma garota.

“Como? Que diabos é...”

A frase morreu em sua garganta. Sem hesitação, Luna desferiu um golpe potente, um corte limpo no pescoço do alvo que lançou a cabeça dele ao ar.

Vincent não baixou a guarda. Manteve a espada erguida por alguns instantes a mais, o olhar varrendo o entorno em busca de qualquer sinal de movimento. Apenas quando se certificou de que não havia mais ameaças, soltou o ar lentamente e guardou suas armas.

“Fogo-eternenses não executam inimigos rendidos, Luna”, disse Vincent em tom de quem recita uma lei marcial.

Não houve resposta.

Luna mantinha a cabeça baixa. Só então Vincent percebeu. Lágrimas desciam silenciosas pelo rosto dela, misturando-se à poeira e ao suor. Não era arrependimento. Não era choque. Era algo mais cru, mais fundo.

Sem dizer uma palavra, simplesmente disparou em direção ao Observatório, deixando para trás cadáveres e o eco da ordem não cumprida.

Luna cruzou a muralha sem sentir o peso do próprio corpo. Só parou quando avistou Sabine entre os demais.

No instante seguinte, já a envolvia em um abraço, sutil, pois não queria apertar demais a amiga ferida.

“Eu tive medo”, disse, a voz quebrando antes mesmo de terminar a frase. “Tanto medo que algo acontecesse com você.”

Sabine levou um segundo para reagir, surpresa pela intensidade. Então retribuiu o abraço, firme, acolhedor, apoiando o queixo no ombro de Luna.

“Está tudo bem agora”, respondeu com suavidade. “Acabou.”

Luna se afastou apenas o suficiente para encará-la, com olhos ainda úmidos. O cenho franziu-se ao notar a postura relaxada demais para alguém que, minutos antes, mal conseguia ficar em pé.

Mas e o seu ferimento?”, perguntou, confusa. “Você mal conseguia respirar.”

Sabine soltou uma risada curta, quase aliviada.

“Temos uma arma secreta”, disse, lançando um olhar na direção de Joanne. “Ela é uma healer⁸ muito talentosa. Alguns ossos quebrados não foram problema nenhum.”

⁸ meio-zeraphir com poderes curativos

Joanne apenas acenou, o rosto levemente corado de timidez.

“Eu nunca ia deixar algo grave acontecer com ela, uai”, falou Kovu, coçando a nuca. “Meu corpo aguenta pedrada e flecha demais da conta antes de cair.”

Deu uma batida leve no próprio peito, com orgulho.

“Regenero rápido. Por isso posso ir na frente e usar meu corpo de escudo pra proteger quem tá atrás.”

Luna inspirou fundo, tentando assimilar tudo. Aparentemente a situação não era tão arriscada como ela havia julgado no calor da batalha. A tensão que a mantivera de pé até ali começava, enfim, a ceder.

Então uma voz soou atrás do grupo.

“Você fez bem em atacar o arqueiro.”

Luna virou-se imediatamente.

Vincent aproximava-se com o rosto fechado.

“Aquilo foi uma improvisação válida, considerando a facilidade atípica que você lida com projéteis em alta velocidade.”

O silêncio se estendeu por um instante a mais do que o confortável.

“Mas buscar o confronto frontal foi uma decisão taticamente injustificável. Você arriscou a própria integridade, a minha e a cadeia de comando da esquadra.”

“No protetorado dizemos que um grande guerreiro não busca ser o maior, busca ser o certo, no lugar certo. Você precisa entender isso Luna.”

As palavras a atingiram com mais força do que qualquer reprimenda anterior. Eram exatamente as mesmas que seu mestre Haru lhe dissera quando chegou em Drakhenheim.

“Além disso, você neutralizou um combatente já rendido. Aquele alvo era passível de captura, na capital ele seria interrogado para descobrirmos os

financiadores, rede de contatos, rotas de deslocamento”

Vincent sustentou a postura firme, sem qualquer alteração no porte.

“Você será submetida a punição disciplinar conforme o regulamento dos Jurados do Fogo Eterno. Os termos exatos serão definidos após o relatório completo da operação. Até lá, considere-se formalmente advertida.”

“Capitão”, interveio Sabine em tom controlado. “Reconheço a validade da cadeia de comando e concordo com a sua avaliação operacional. Mesmo assim peço licença para acrescentar uma observação pessoal.”

Sabine voltou-se para Luna, sustentando-lhe o olhar com uma profundidade inédita.

“No campo de batalha, senti-me amparada por Luna. Ela não hesitou em arriscar a própria vida para me defender.”

Pronunciou o nome dela com intenção.

“Luna.”

Então levou a mão direita ao peito, como se tocasse o próprio coração, e em seguida estendeu o braço à frente, punho cerrado, na direção da aziana.

“Minha vida, sob a sua proteção.”

Luna sentiu o peso do momento e emocionada, curvou-se instintivamente em sinal de respeito e gratidão.

Houve um breve silêncio.

Então Viego em voz baixa e cuidadosa disse.

“Apenas... uma observação. Talvez seja útil você se familiarizar melhor com os costumes fogo-eternenses.”

Ele fez um pequeno gesto com a mão, indicando Sabine.

“Aquilo não foi apenas um agradecimento. Entre nós, esse gesto carrega um significado raro. Acreditamos que é o companheirismo, o senso de pertencimento, que mantém uma comunidade de pé ao longo do tempo.”

Viego respirou fundo antes de concluir.

“Essas palavras selam um vínculo, reservado a momentos decisivos. Se o sentimento é recíproco, a resposta não vem com reverência, mas com o mesmo gesto, antes que o punho seja baixado. Se isso não acontece, a aliança entre vocês não se firma.”

Luna permaneceu imóvel por um instante, o coração ainda acelerado. O olhar voltou-se para Sabine, que mantinha o punho erguido, aguardando, sem pressão.

Então Luna levou a mão direita ao peito, sentindo o próprio coração bater forte sob a palma. Em seguida, estendeu o braço à frente, punho cerrado, espelhando o gesto.

“Minha vida, sob a sua proteção.”

Sabine assentiu, e só então baixou o punho. O pacto estava selado.

Viego observava a cena em silêncio. Quando falou, sua voz era serena.

“Disciplina e técnica se constroem com o tempo. É para isso que ainda somos aspirantes. Coragem e lealdade, não. Essas qualidades já fazem parte de quem somos. Fico satisfeito em ver sua integração entre os fogo-eternenses crescer a cada dia, Yamaneko-san.”

Apenas uma observação

Passado o pico de emoção, o capitão voltou ao papel de instrutor. A unidade precisava lidar com os cadáveres. Joanne checaria sinais de vida e, confirmada a morte, os corpos seriam arrastados para um único ponto, revistados e catalogados. O objetivo era encontrar pistas, mapas, bilhetes, marcas de rota, qualquer coisa útil para o relatório e para rastrear financiadores. Itens de valor seriam recolhidos como recurso do exército.

A tarefa era repulsiva, mas, paradoxalmente, a frieza de Vincent a tornava suportável, era só mais uma lição. A pior tarefa foi amputar a mão do Trinca-Osso, a tatuagem precisava ser preservada e documentada. Fora isso, não havia o que fazer, queimar chamaria atenção, cavar levaria tempo, e a religião deles era desconhecida. Não era bonito, mas empilhar os corpos e seguir em frente era a única alternativa viável.

Na descida, Vincent manteve o ritmo e a cabeça fria. O clima melhorava a cada metro perdido, mas as pernas ainda queimavam. Joanne lutava para acompanhar, e Luna, enfim, entendeu por que a presença dela era indispensável, e por que até os aspirantes mais competitivos a tratavam com tanta gentileza. Não era só doçura, a meio-zeraphir carregava um dom raro, útil demais para ser substituído.

Quando alcançaram o sopé, reconheceram o trecho onde haviam deixado a carruagem, o desvio estreito, a descida para o rio, o ponto exato da parada. Sem Martin, restava seguir a pé pela estrada até o próximo vilarejo.

No vilarejo, a estalagem parecia pequena demais para seis fardas e tanto equipamento. Ainda assim, Vincent conseguiu três quartos, um para ele mesmo, outro

para Kovu, Viego e Avouriel que ficaram juntos. O terceiro para Sabine, Luna e Joanne.

No quarto dos rapazes, o silêncio veio rápido. Avouriel apagou assim que encostou a cabeça no travesseiro. Kovu virou de lado. Viego, porém, continuou acordado, assombrado pelas lembranças do dia. Por fim, levantou-se e acendeu uma vela curta, puxando a chama de uma brasa teimosa da lareira. Era pouca luz, mas bastou. Ele seguiu pelo corredor devagar, protegendo o pavio com a mão.

A porta do quarto do capitão deixava escapar uma fresta de luz por baixo. Viego bateu com cuidado e se identificou.

“Senhor, sou eu, Viego. Podemos conversar?”

“Se você está aqui a essa hora, é importante. Entre.”
Disse, abrindo a porta e dando passagem.

O quarto era simples. Havia uma pequena mesa de centro onde Vincent já trabalhava no relatório. Viego ocupou a outra cadeira e se inclinou na direção do

capitão, por interesse, e também para manter a voz baixa.

“Acho que o general sabia que seríamos emboscados”, disse de imediato.

Vincent manteve o olhar fixo no aspirante, avaliando não só as palavras mas também a expressão corporal do jovem. Não parecia uma acusação. Apenas uma observação meticulosa dos fatos.

“Prossiga.” respondeu calmamente.

“Há dois meses, ele me mandou traduzir um relatório sobre cultistas ligados à Ordem do Sol Negro. Por isso eu reconheci as tatuagens imediatamente. Depois veio o resto, ele escolheu você, o capitão mais bem ranqueado, para uma missão vendida como simples. Determinou o armamento com precisão, exatamente a combinação mais eficiente para aquele tipo de confronto.” Ele sustentou o olhar de Vincent.

“Capitão... a única formação de aspirantes capaz de

identificar e lidar com emboscada e ainda voltar ilesa é exatamente a nossa. O que o senhor acha?”

“Pode ser coincidência, mas não descarto que ele soubesse do que estava acontecendo naquela região. Vamos tratar isso como hipótese. Se ele começou a mover as peças há mais de dois meses, então também saberia o desfecho. O risco, portanto, foi controlado.” Ele inclinou a cabeça testando o próprio raciocínio. “Entretanto o general não montaria um teatro sem objetivo. Então a pergunta é, qual era o real objetivo da missão?”

“Verdade...” Viego recostou na cadeira, deixando o ar sair devagar, os olhos fixos em um ponto qualquer no teto.

“Talvez”, Vincent acrescentou, “para ensinar os aspirantes a lidarem com sentimentos em campo, porque isso nenhum instrutor consegue ensinar.”

Viego negou levemente com a cabeça. “Isso a gente acaba aprendendo assim que entrar em campo.” A

voz baixou ainda mais. “Acredito que tem algo além. Algo que só seria possível dentro daquela situação específica. Então talvez não fosse sobre cumprir a missão e ganhar experiência em campo. Todos nós tivemos uma experiência diferente. O que cada um de nós poderia ter aprendido?”

“É uma linha de raciocínio válida”, disse Vincent “Pense nisso amanhã, no caminho de volta para a capital.” O tom veio como encerramento. “Agora, descanse. Nós também precisamos dormir.”

Já deitado na cama, agora era Vincent quem lutava contra o sono. A conversa com Viego não saía da cabeça, e a hipótese parecia insistir em se encaixar bem demais.

A lembrança veio antiga, o dia em que chegou com os refugiados à região onde, mais tarde, seria erguida Minato. Havia órfãos de guerra por toda parte, crianças caladas e famintas. Heinrich Von Richter,

passou por elas como quem lê um relatório, até que parou. Quando viu Luna, não hesitou. Deu a ordem no mesmo momento, ela seria entregue ao grão-mestre Haru.

Decadas depois, em Drakhenheim, Voraktrix também viu algo nos olhos da jovem, ela chamou de ‘ímpeto feroz’. Vincent se perguntou se o Velho Coruja, apelido reservado aos mais próximos, já sabia disso desde o começo, se já tinha previsto que o método rígido de um capitão fogo-eternense quebraria Luna antes de moldá-la. Haru, sereno e paciente, era o único tipo de instrutor capaz de conduzir aquela lâmina sem fazê-la virar contra si mesmo. Mas então por que ela? Por que Luna, e não qualquer outra criança entre tantas?

Por mais que tentasse acompanhar o raciocínio do general e da guardiã, Vincent às vezes ainda se sentia pequeno diante dos dois, como um aluno ouvindo uma aula que não tinha sido escrito para ele entender de primeira. E agora Viego, um jovem perspicaz,

também escolhido a dedo para ser aprendiz do general, enxergara a camada oculta da missão quase de imediato.

Talvez houvesse, de fato, uma lição para Vincent. Uma que o obrigava a ver, com os próprios olhos, que Luna não o abandonaria em campo de batalha, não como outros azianos já haviam feito.

A Formatura

Poucas semanas depois...

Sabine inclinou-se para Luna, voz baixa para não quebrar o clima solene.

“Acho que sua temporada na cozinha foi bem produtiva, conheceu gente, aprendeu o básico da comida fogo-eternense. Vou falar com o Vincent e tentar convencer ele a estender essa medida disciplinar por mais duas semanas.”

“Chega.” Luna manteve o corpo ereto, braços junto ao tronco, o olhar fixo na plateia no anfiteatro. “Postura. Estamos diante de uma cidade inteira.”

“Olha só.” Sabine conteve a risada. “Vincent fez um ótimo trabalho com você. Toda certinha.”

Luna devolveu um olhar incrédulo, mas não conseguiu esconder o canto da boca querendo subir.

O Círculo da Eternidade estava lotado. Arquibancadas cheias, bandeiras do Protetorado, famílias

espremidas lado a lado com veteranos fardados, e até uma comitiva aziana entre os convidados. No centro da arena, os aspirantes aguardavam em formação cerrada, blocos simétricos em colunas e fileiras, como um exército disposto num tabuleiro. Havia mais turmas do que em anos anteriores, e todos sabiam que viriam ainda mais. O Sol Negro já pressionava, mesmo antes de escurecer o céu.

À frente deles, Hahna Verkünder estava junto a um atril de pedra escura. Ela ergueu a mão, e o anfiteatro inteiro silenciou.

“Esses jovens representam o ápice da nossa Academia.” A voz dela saiu clara e firme, projetada pelo Rubi Amplificador, um artefato do tamanho de uma unha que fazia cada palavra alcançar as arquibancadas sem esforço. “Hoje celebramos não só o fim de um ciclo, mas também o futuro do nosso Protetorado. Esses guerreiros são a prova viva da disciplina e da união da nossa comunidade, os pilares que sustentam nossa nação.”

Hahna levou a mão direita ao peito.

Os aspirantes imitaram o movimento, e repetiram em uníssono:

“Eu juro, pelo Fogo Eterno que ilumina nossa nação, ser chama na escuridão e abrigo aos que lutam ao meu lado. Prometo honrar a verdade, buscar justiça e proteger os indefesos. Minha força será compartilhada, minha vitória será de todos, meu espírito fará parte de algo maior, uma comunidade unida. Enquanto houver fogo em mim, não abandonarei este chamado.”

As palavras vibraram no ar como sino. Quando as mãos baixaram, o público explodiu em aplausos.

Hahna assentiu, satisfeita.

“Agora, convidarei os representantes de cada turma para falar em nome de seus colegas.”

Os representantes foram chamados. Discursos curtos, emocionados, promessas repetidas com

vozes trêmulas e olhos merejados. Por fim, Hahna anunciou, com um orgulho que ela nem tentou esconder.

“A representante da Turma de Elite, Sabine Verkünder!”

Sabine caminhou até o centro com passos seguros. Pegou o Rubi Amplificador oferecido pela chanceler sua mãe.

“Cidadãos de Drakhenheim,” começou, a voz saindo limpa em todas as direções. “Hoje encerramos uma jornada que nos ensinou técnica, disciplina e, principalmente, que ninguém vence sozinho. Servimos melhor quando servimos juntos.

Agradeço à Academia, aos instrutores e às famílias que sustentaram nossa caminhada, em especial aqueles que nos permitiram focar, treinar e devolver ao Protetorado algo à altura do que recebemos. E, por fim, agradeço aos nossos aliados azianos. Ter uma de vocês ao nosso lado mudou esta turma.”

Sabine virou o rosto para Luna, sincera e acolhedora.

“Luna, a Academia já a conhece. Agora deixe Drakhenheim ouvir a sua voz.”

Luna deu um passo à frente. Recebeu o rubi de brilho vermelho sem pressa, e o segurou perto da boca.

“Eu não cresci sob estas bandeiras. Mas eu sei reconhecer um favor. Azianos como eu têm motivos para ser gratos pelo suporte em Atarashiminato, e pelo apoio que tornou possível a fundação de Minato. Eu cheguei aqui achando que bastava ser forte. Que talento individual resolveria tudo. Foi uma quebra de expectativa. Aprendi que força coletiva supera qualquer lâmina isolada.”

A voz dela não tremeu, mas ficou mais grave, como aviso.

“E, se queremos atravessar o que vem, precisamos ser inteligentes, não só corajosos. Azianos guardam feitiços, artefatos e conhecimentos ancestrais que podem fortalecer o Protetorado. Mas isso, exige troca

de verdade, não orgulho de um lado e desconfiança do outro. Precisamos formar o exército unido contra um inimigo em comum, a Ordem do Sol Negro.”

Ela pousou o Rubi Amplificador sobre o atril e deu alguns passos em direção à comitiva aziana. Curvou-se profundamente. O primeiro a retribuir o gesto foi Haru, em seguida os demais.

Então Luna girou o rosto para as arquibancadas, procurando a ala do alto escalão fogo-eternense. Encontrou Heinrich e, ao lado dele, Vincent. O olhar dela chocou-se contra o dele. Luna levou a mão ao peito, cerrou o punho, e estendeu o braço na direção do instrutor.

A tensão espalhou-se sobre as fileiras como uma onda. Todo mundo ali conhecia a tradição.

Vincent, por outro lado, manteve-se imóvel. Rosto fechado, postura de pedra, sem oferecer resposta. O momento se alongou demais, e o burburinho

começou a nascer no anfiteatro, baixo mas desconfortável.

Para cortar o momento, Hahna buscou o Rubi Amplificador.

“Muito obrigada pelas palavras, senhorita Yamaneko.”

O recado era claro, a celebração precisava seguir. Ainda assim, Luna não recuou. Braço estendido, punho cerrado, olhos fixos em Vincent.

“Como encerramento, iniciaremos a entrega dos anéis de formatura,” continuou Hahna, firme, controlando a plateia. “A partir deste momento, esses jovens deixam de ser aspirantes. Serão tenentes, líderes no nosso exército.”

Ela fez um gesto pedindo aplausos, tentando preencher o vazio, e ao mesmo tempo se aproximou de Luna. Afastou o rubi dos lábios e tocou de leve o ombro da aziana.

“Vamos, querida. Aproveite o seu momento,” disse com gentileza, tentando poupá-la.

Luna nem olhou para ela. Não por desrespeito, por decisão. Manteve a posição.

Hahna buscou os assistentes com o olhar, calculando se precisariam intervir. Mas antes que alguém se movesse, Vincent enfim levou a mão ao peito. Cerrou o punho, e devolveu o gesto com convicção.

O estádio entendeu e a tensão cedeu.

Luna sustentou o olhar por mais um instante, selando o pacto sem palavra. Então baixou o braço, virou-se em silêncio e caminhou de volta ao seu lugar.

Enquanto caminhava de volta ao seu lugar, Luna lembrou da frase que Vincent lhe dissera na primeira noite na capital: “Ou você se dobra, ou você quebra.” No fim, não estava claro se alguém tinha se dobrado.

A Convocação

O Sol Vermelho mal havia nascido, e Haru já deixava sua casa em direção à Academia da Lâmina Flamejante. O grão-mestre assumiria uma posição como instrutor, mas antes uma etapa de integração o aguardava. Os líderes fogo-eternenses não apenas aprovaram o que viram em Luna, como pareciam dispostos intensificar o intercâmbio entre as duas escolas militares.

A kazeha, que por hora estava alocada com seu mestre, terminou de arrumar a cozinha do café da manhã. O silêncio doméstico começava a ser quebrado enquanto a cidade baixa começava a despertar. Tudo ali parecia feito para acalmar, e ainda assim, nada a acalmava.

Havia se passado apenas um dia desde a formatura, mas a ansiedade já a mordia. A vontade de ingressar na Guarda Dracônica, de honrar a promessa feita à Guardiã Voraktrix, ardia nela mais forte do que nunca.

Vincent surgia inevitável no pensamento. Apesar das desavenças, ela sentia que tinha conquistado algo nele. Luna não o julgava. O capitão carregava uma história com o povo dela, cicatrizes que não se dissolvem por causa de um único gesto de coragem ou palavras em uma formatura. Mesmo assim, no olhar dele durante a formatura, havia um reconhecimento, frio, mas real. E isso bastava para que ela acreditasse que talvez, só talvez, estivesse no caminho certo.

Ela se aproximou da porta dos fundos, a mão já tocando a maçaneta, pronta para ir ao minúsculo jardim e tentar meditar e dominar a inquietação que sentia.

Então vieram as batidas na porta da frente.

O coração da jovem disparou. Seria a carta de convocação?

Ao abrir a porta, Luna deu de cara com o sorriso charmoso de Sabine que tinha em suas mãos uma

carta dobrada com capricho, lacrada com o selo oficial do general.

“Se você não abrir essa carta agora, eu vou abrir!”
Disse Sabine, pulando o ritual das cortesias e indo direto ao ponto.”

“O seu desejo é uma ordem”, Luna respondeu, brincalhona, já estendendo a mão.

Tomou a carta com cuidado, sentindo o relevo do lacre sob o polegar. Por um instante, focou apenas na inscrição do lado de fora da carta.

“À recém-formada jurada, tenente e kazeha, Luna Yamaneko.”

O peito dela apertou, e o ar pareceu curto demais. Sabine inclinou o corpo para a frente, impaciente brilhando de expectativa.

Luna quebrou o selo.

A dobra se desfez com um estalo discreto. A caligrafia era limpa. Ela percorreu as primeiras linhas com os

olhos, engoliu em seco, e então começou a ler em voz alta.

“Em nome do Protetorado do Fogo Eterno, e por autoridade investida em mim pela Guardiã Voraktrix Nyxhart, eu, General Heinrich von Richter, ordeno sua apresentação imediata para designação de missão.

Seu desempenho recente foi avaliado e considerado digno de confiança pelo seu capitão-instrutor, Vincent Hensel.

Fica você nomeada para assumir a função de **Vigilante** do Sol Vermelho, com efeito imediato...”

Luna parou. Piscou uma vez, como se tivesse lido errado. Releu mentalmente, procurando em algum lugar da página a expressão que importava.

Mas ali, no papel, não havia **Guarda Dracônica**.

Só aquela função que não significava nada para ela.

O ar pareceu rarear. Luna deu um passo para trás sem perceber, até sentir o batente da porta encostar nas

costas. As pernas falharam e Luna escorregou devagar pelo batente até sentar-se no chão, a cabeça inclinada, o olhar fixo num ponto vazio, as lágrimas desciam pelo rosto incessantemente.

“Eu falhei...” A voz saiu baixa quase sem ar. “Falhei com meu mestre. Falhei com a minha promessa...”